

MESTRADO EM LINGUÍSTICA

Aspetos sintáticos e semânticos das construções ditransitivas no Português Europeu e no Inglês

Marlene Sofia de Sousa Santos

M

2018



Marlene Sofia de Sousa Santos

**Aspetos sintáticos e semânticos das construções ditransitivas no
Português Europeu e no Inglês**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Linguística, orientada pela Professora
Doutora Ana Maria Brito

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

setembro de 2018

Aspetos sintáticos e semânticos das construções ditransitivas no Português Europeu e no Inglês

Marlene Sofia de Sousa Santos

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Linguística, orientada pela Professora
Doutora Ana Maria Brito

Membros do Júri

Professora Doutora Celda Choupina
Escola Superior de Educação - Instituto Politécnico do Porto

Professora Doutora Ana Maria Brito
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professor Doutor António Leal
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Classificação obtida: 18 valores

Sumário

Declaração de honra.....	7
Agradecimentos.....	8
Resumo.....	9
Abstract	10
Índice de tabelas	11
Lista de abreviaturas	12
Introdução	13
Capítulo 1 – Dativos argumentais e dativos não argumentais.....	16
1.1. Propriedades sintáticas e semânticas do OI no Português Europeu	17
1.1.1. Verbos selecionadores de OI argumental no PE	19
1.1.2. Verbos com OI não argumental no PE	24
1.2. Aspectos semânticos do OI no Espanhol	26
1.2.1. Verbos selecionadores de OI argumental no Espanhol	28
1.2.2. Verbos que podem ser acompanhados de OI não argumental no Espanhol	30
1.3. Sumário	32
Capítulo 2 – A alternância dativa.....	34
2.1. O estudo da alternância dativa no Inglês.....	34
2.1.1. Oehrle (1976).....	34
2.1.2. Larson (1988)	40
2.1.3. Rappaport-Hovav & Levin (2008)	48
2.2. Português Europeu: uma variante com alternância dativa?.....	53
2.2.1. Costa (2009)	53
2.2.2. Morais (2006) e Morais e Salles (2010)	56
2.2.3. Brito (2014)	59
2.3. Sumário	65
Capítulo 3 – Os verbos ditransitivos e as expressões idiomáticas em Inglês e em Português Europeu	67
3.1. Qual a construção preferencial das expressões idiomáticas em Inglês? CDP ou CDO?..	68
3.1.1. Análise de algumas expressões idiomáticas no Inglês com o verbo <i>to give</i>	80
3.2. Padrões ditransitivos das expressões idiomáticas e provérbios no PE.....	83
3.2.1. Análise de expressões idiomáticas e provérbios no PE com o verbo <i>dar</i>	84

3.2.1.1. Algumas expressões idiomáticas no PE com o verbo <i>dar</i>	84
3.2.1.2. Alguns provérbios no PE com o verbo <i>dar</i>	88
3.3. Sumário	90
Considerações finais.....	93
Referências bibliográficas	99

Declaração de honra

Declaro que a presente dissertação é de minha autoria e não foi utilizada previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referenciação. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Porto, 2018

Marlene Sofia de Sousa Santos

Agradecimentos

Em primeiro lugar, o meu muito obrigada à minha orientadora Prof.^a Doutora Ana Maria Brito por ter feito parte desta viagem que me levou a explorar um tema que eu pouco conhecia e pelo qual desenvolvi interesse. Pela leitura constante do meu trabalho e pelo rápido esclarecimento de dúvidas. Por toda a dedicação, por todas as sugestões, pela paciência e pelo apoio incondicional perante todas as minhas inseguranças. O meu mais sincero obrigado. Obrigada também aos Professores de Linguística com quem me cruzei e que aumentaram ainda mais o meu interesse pelo seu estudo.

Às minhas colegas/amigas com quem tive a oportunidade de partilhar a sala de aula e o conhecimento sobre diversas áreas. Obrigada por terem estado sempre presentes, por me incentivarem e, claro, por partilharem comigo os pormenores mais divertidos da elaboração do vosso projeto. Em particular, à Ana Sofia pela calma e paciência, à Beatriz pelo incentivo e à Luísa pelo ânimo e pelo sentido de humor tão característico nas horas mais difíceis.

À Marta por ter sido um dos meus pilares ao longo destes cinco anos. Por me ter acolhido tão bem no primeiro ano de licenciatura, por toda a dedicação, pela ajuda e pelo incentivo a nunca desistir.

À Filipa que, não sendo da mesma faculdade, segue o meu percurso escolar desde sempre. Por me acompanhar nesta que é mais uma etapa tão importante para mim, pela força e preocupação.

Aos meus pais pelos ensinamentos que me deram, por todo o apoio e por me fazerem acreditar que concluir este projeto seria possível. Por me ouvirem falar sobre o meu tema, embora não o compreendendo, e por me incentivarem a seguir este caminho. Ao meu irmão, por estar sempre presente e pela força.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo o estudo de alguns aspetos sintáticos e semânticos dos verbos ditransitivos no Português Europeu (PE), no Inglês e noutras línguas. Nesse sentido, defende-se a existência de diferentes tipos de verbos ditransitivos e mostra-se que há diferentes tipos de dativos no PE e no Espanhol: argumentais e não argumentais.

Além disso, discute-se a sintaxe das construções ditransitivas, dando especial relevo ao Inglês, que é uma das línguas com alternância dativa, e ao PE. Pelo que se pôde observar, a alternância dativa está claramente presente no Inglês, bem como noutras línguas, e tem sido discutida em torno de várias abordagens distintas. Em relação ao PE, verificou-se que há autores que defendem a existência de alternância dativa enquanto outros a refutam, sendo este um tema ainda em discussão.

Por fim, analisa-se ainda o comportamento do verbo *dar/ to give* nas expressões idiomáticas. Esta análise permitiu observar que, enquanto no Inglês o tipo de construção ditransitiva (preposicionada ou de duplo objeto) parece ter alguma influência na forma como são formadas as expressões idiomáticas, no PE a diferença de ordem dos constituintes NP e PP, em relação um com o outro e em relação ao V, parece relacionar-se unicamente com fatores de peso dos constituintes; por outro lado, mostra-se que a construção de significado idiomático no PE resulta não só da construção V NP, mas também da construção V NP PP.

Palavras-chave: Construções Ditransitivas; Alternância Dativa; Dativos Argumentais e Não Argumentais; Verbos Ditransitivos; Expressões Idiomáticas com *dar/ to give*.

Abstract

This work has as objective the study of some syntactic and semantic aspects of ditransitive verbs in European Portuguese (EP), in English and in other languages. Therefore, it is argued for the existence of different types of ditransitive verbs and it is shown that there are different types of datives in EP and Spanish: argumental and nonargumental.

In addition, we discuss the syntax of ditransitive constructions, with special emphasis on English, which is one of the languages with dative alternation, and EP. From what has been observed, dative alternation is clearly present in English, as well as in other languages and has been discussed according several different approaches. There are authors who defend the existence of dative alternation in EP, while others refute it, being this topic still under discussion.

Finally, the behavior of the verb *dar/ to give* in idiomatic expressions is also analyzed. This analysis allowed us to observe that, whereas in English the ditransitive construction type (prepositional or double object) seems to have some influence on the way idiomatic expressions are formed, in Portuguese the difference in order of the constituents NP and PP, in relation to one another and in relation to the V, seems to be related only to the weight of the constituent; on the other hand, it is shown that the construction of idiomatic meaning in EP results not only from the V NP construction, but also from the V NP PP construction.

Keywords: Ditransitive Constructions; Dative Alternation; Argumental and Non Argumental Datives; Ditransitive Verbs; Idiomatic Expressions with *dar/ to give*.

Índice de tabelas

- Tabela 1** – Verbos que selecionam objeto indireto argumental no PE, de acordo com Vilela (1992) 21
- Tabela 2** – Verbos que selecionam objeto indireto argumental no PE, de acordo com Gonçalves e Raposo (2013)..... 22
- Tabela 3** – Verbos que podem coocorrer com objeto indireto não argumental no PE, de acordo com Vilela (1992) e Brito (2009)..... 24
- Tabela 4** – Verbos que selecionam objeto indireto argumental no Espanhol, de acordo com Ordóñez (1999)..... 29

Lista de abreviaturas

APPL	Aplicativo
CDO	Construção de duplo objeto
CDP	Construção dativa preposicional
NP	Sintagma nominal
OD	Objeto direto
OI	Objeto indireto
PB	Português do Brasil
PE	Português Europeu
PP	Sintagma preposicional
V	Verbo
VP	Sintagma verbal

Introdução

Ao longo dos tempos, os estudos sobre os verbos ditransitivos e as construções ditransitivas têm vindo a aumentar por serem estes dois assuntos em permanente debate. O meu interesse pelas construções ditransitivas surgiu no primeiro ano de mestrado e foi um tema que, pela sua complexidade, me fez querer saber mais e a que, por isso, me dedico neste trabalho.

Assim, o objetivo da presente dissertação consiste no estudo de alguns aspetos sintáticos e semânticos das construções ditransitivas no PE e no Inglês¹.

Nesse sentido centrar-nos-emos nas seguintes questões:

- (i) Que tipos de dativos podemos encontrar no PE e no Espanhol?
- (ii) Quais as classes de verbos que selecionam dativo argumental no PE e no Espanhol?
- (iii) Poderá existir alternância dativa, no Inglês, com diferentes classes de verbos?
- (iv) Quais os padrões de ordem de palavras no Inglês e no PE nas expressões idiomáticas? Será que o fator de complexidade da estrutura interna dos argumentos internos dos verbos e, conseqüentemente, o peso dos constituintes contribuiu para a alteração dessa ordem?
- (v) Qual a natureza da seleção (sintática e semântica) que está na base das expressões idiomáticas com o verbo *to give* no Inglês e nas expressões idiomáticas/provérbios no Português com o verbo *dar*? Quais os padrões de seleção que são privilegiados V NP PP, V NP ou V PP?

No primeiro capítulo, analisaremos algumas propriedades sintáticas e semânticas do PE e do Espanhol, considerando as classes de verbos que selecionam objeto indireto argumental e as que podem ser acompanhadas de objeto indireto não argumental e

¹ Outras línguas serão referidas, mas não constituem objeto de análise sistemática neste trabalho.

comparando os diferentes tipos de dativo. Para isso, partiremos da ideia de que a existência de diferentes tipos de dativo se deve a fatores como o seu caráter argumental ou não argumental e ainda ao facto de os verbos terem (ou não) um sentido de trajetória ou outro sentido. No caso do PE, seguiremos, para esta análise, Vilela (1992), Brito (2009) e Gonçalves e Raposo (2013) e, para o Espanhol, Campos (1999) e Ordóñez (1999).

Partindo das classes de verbos ditransitivos, no segundo capítulo, explicaremos em que consiste a alternância dativa e, centrar-nos-emos em três autores que consideramos fundamentais para o estudo desta característica do Inglês – Oehrle (1976), Larson (1988) e Rappaport-Hovav & Levin (2008) – e em autores que discutiram a possibilidade de alternância no PE – Costa, (2009), Morais (2006), Morais e Salles (2010) e Brito (2010, 2014, 2015).

Pelo que pudemos observar, este fenómeno está claramente presente no Inglês, bem como noutras línguas, e tem sido discutido em torno de várias abordagens distintas: neoconstrucionista (Marantz, 1993; Pyllkkänen, 2001; Cuervo, 2003), lexicalista (Oehrle, 1976; Rappaport-Hovav & Levin 2008; Levin, 2008) e derivacional (Baker, 1985; Larson, 1988, 2014). Em relação ao PE, e de acordo com a literatura existente, há alguns argumentos a favor da existência de alternância dativa (Morais, 2006; Morais e Salles, 2010), como um fenómeno à semelhança do que existe em Inglês; outros contra a existência deste fenómeno nos moldes do Inglês mas que propõem duas estruturas básicas (Costa 2009; Brito 2014, 2015); e outros que pura e simplesmente negam a existência das duas estruturas (Gonçalves, 2016). Contudo, parece-nos este ainda um tema longe de chegar a um consenso.

Por fim, no terceiro capítulo, e depois de termos discutido a alternância, definiremos expressões idiomáticas e analisaremos algumas delas, selecionadas por nós, no Inglês (com o verbo *to give*) e no PE (com o verbo *dar*). Como veremos, no Inglês, autores como Bruening (2010) e Larson (2014) têm-se dedicado ao estudo das expressões idiomáticas com verbos ditransitivos, sobretudo no que diz respeito à ordem predominante dos constituintes. No PE, esta questão tem sido igualmente debatida por Costa (2009) e Brito (2014, 2015), que se têm dedicado ao estudo da ordem dos

constituintes nas expressões idiomáticas/provérbios com o verbo *dar*. Assim, com este capítulo, no que se refere ao Inglês, estudaremos qual a ordem de constituintes predominante com o verbo *to give* e, no que diz respeito ao PE, analisaremos se as alterações de ordem são justificadas por fatores de peso/caráter complexo dos constituintes (OD ou OI) ou outras; e tentaremos perceber se a construção da expressão idiomática surge da combinação V NP, V NP PP ou V PP. Decidimos apenas analisar expressões com o verbo *to give*, no Inglês, e *dar*, no Português, por se tratar dos verbos prototípicos das expressões ditransitivas.

Capítulo 1 – Dativos argumentais e dativos não argumentais

Neste capítulo discutiremos a noção de ditransitividade e a ditransitividade de alguns verbos em duas línguas românicas: no Português (na sua variante europeia) e no Espanhol, mostrando que nem todos os verbos ditransitivos selecionam o mesmo papel temático para o objeto indireto (doravante, OI). Além disso, mostraremos que os dativos/OIs parecem não ser todos do mesmo tipo, existindo dativos argumentais e dativos não argumentais.

Tome-se um exemplo de verbo ditransitivo prototípico no PE:

(1) A Marta **deu** um presente à *amiga*.

Nesta construção (cf. (1)) usamos como exemplo o verbo *dar* para comprovar que se trata de um verbo selecionador de OI argumental à *amiga*. Por seu turno, o mesmo não se verifica em exemplos como em (2), visto que *me* é, neste caso, um OI não argumental, não selecionado pelo verbo *doer* (voltaremos adiante a este tipo de OI).

(2) **Doem-me** as pernas.

Em (1), o agente (a Marta) transfere algo para uma outra entidade (a amiga), que o recebe, ou seja, com este tipo de verbos (*dar, oferecer...*) está presente um ato de transferência concreta e de posse de um objeto. Por sua vez, o mesmo não se verifica com verbos do tipo *enviar* (cf. (3)), uma vez que, embora o agente (a Marta) tenha enviado um presente à sua amiga, não há garantia de que o objeto enviado tenha sido entregue, isto é, não se realiza necessariamente uma transferência (cf. (3.b)).

(3) a. A Marta **enviou** um presente à *amiga*.

b. A Marta **enviou** um presente à *amiga*, mas ela não o recebeu.

Nesse sentido, neste capítulo, pretendemos comparar os verbos que selecionam OI argumental e os que podem coocorrer com OI não argumental e observar os diferentes tipos de dativos (argumentais e não argumentais), de forma a apurarmos as diferenças existentes entre eles em relação ao papel temático que selecionam e em relação ao estatuto do OI, quer no PE, quer no Espanhol. Como veremos adiante, a discussão sobre ditransitividade está ainda muito presente e revela-se crucial para a análise da alternância dativa.

Em primeiro lugar, começaremos por apresentar algumas propriedades sintáticas e semânticas do PE e algumas propriedades semânticas do Espanhol.

1.1. Propriedades sintáticas e semânticas do OI no Português Europeu

O OI está presente, no PE, em duas construções diferentes (Gonçalves e Raposo, 2013): à direita do verbo, numa construção com clítico dativo (cf. (4)) ou quando presente uma oração subordinada numa construção introduzida por um sintagma com preposição *a* (cf. (5)) e depois do OD numa construção com a preposição *a* (cf. (6)).

- (4) O João **deu-lhe** uma caneta.
- (5) O João **disse** à *amiga* que lhe ia dar uma caneta.
- (6) O João **deu** uma caneta à *amiga*.

Segundo Gonçalves e Raposo (2013: 1172), outra das propriedades sintáticas do OI é o facto de este só poder ser realizado com *a* + pronome pessoal forte quando existe redobro do clítico (cf. (7.b)).

- (7) a. * O João **deu** uma caneta *a ela*.
- b. O João **deu-lhe** uma caneta *a ela*.

Com os chamados verbos ditransitivos, o OI é, geralmente, selecionado pelo verbo e, por isso, apresenta-se como um dos seus argumentos. No entanto, com outros verbos

e em determinadas construções, como veremos ao longo do capítulo, pode não ser selecionado pelo verbo e surgir como um constituinte não argumental. Estas construções apresentam a preposição *a* como marca de dativo (ou o clítico *lhe*) e, por apresentarem comportamentos semelhantes ao OI argumental, mantêm a designação de construções de “complemento indireto” ou dativas² (Gonçalves e Raposo, 2013).

Sabe-se que os papéis temáticos³ permitem descrever o valor semântico dos argumentos de um verbo; e, no caso dos dativos argumentais, os papéis temáticos que podem ser atribuídos ao OI são geralmente: o de origem (cf. (8)), de beneficiário (cf. (9)); alvo/recipiente (cf. (10)). Com isto, estamos a ver que o verbo *dar* é tipicamente um verbo de transferência de posse.

- (8) O Ricardo **comprou** o livro *ao Rui*. (o vendedor)
- (9) O Ricardo **vendeu** o livro *ao Pedro*. (o comprador)
- (10) O Ricardo **deu** o livro *à Ana*. (alvo/recipiente)

Como afirma Silva (1999), tanto na leitura de recipiente como na leitura de beneficiário ou de meta há uma dimensão ativa do processo de transferência. Leia-se a seguinte passagem:

(...) a dimensão *espacial*, isto é a transferência como mudança de lugar, deslocação de um objecto de um ponto a outro, faz do OI a Meta desse movimento ou o Recipiente desse objecto deslocado; e a dimensão *funcional*, isto é, a transferência como um processo com efeitos específicos na pessoa que recebe o objecto, faz do OI o Beneficiário dessa transferência (...). Quer como Recipiente quer como Beneficiário, o OI prototípico é um participante *activo* do processo, no sentido não apenas de poder iniciar, de alguma forma, uma interação com o objecto recebido ou reagir, de algum modo, ao que entra no seu domínio de controlo, mas sobretudo poder controlar e manipular o objecto consoante as suas intenções e os seus desejos.

(Silva, 1999: 434)

² Neste trabalho, o termo “dativo” deverá ser entendido como sinónimo de “complemento indireto”.

³ O papel temático ou semântico é “o tipo de relação semântica que associa cada argumento à palavra predicativa que o seleciona” (Duarte e Brito, 2003: 187). Nesta dissertação usaremos, em geral, os seguintes papéis temáticos: agente, origem, alvo/meta/recipiente, beneficiário/destinatário, tema, locativo. Para outros papéis temáticos ver Duarte e Brito (2003).

Relativamente aos dativos não argumentais, estes são de vários tipos: um deles é o que ocorre quando o OI desempenha apenas o papel temático de beneficiário, sendo que, em alguns casos, aquele que beneficia é aquele que já possui determinado objeto (cf. (11)).

- (11) A mãe **colocou-lhe** as cortinas⁴.

1.1.1. Verbos selecionadores de OI argumental no PE

Vejamos agora como alguns autores trataram este assunto relativamente ao PE. Segundo Vilela (1992: 118), os verbos que selecionam o OI argumental podem dividir-se em três grupos: os verbos com dois lugares, os verbos com três lugares e os verbos de CD+CI diferentes de *Dicendi/Dandi*. Quanto aos **verbos de dois lugares**, que selecionam unicamente o OI como complemento, é possível dividi-los em dois grupos: um grupo de verbos relacionados com a *dominação* (cf. (12.a-b)), em que são descritas situações em que uma entidade possui algo; e um grupo relacionado com as *impressões* (cf. (13.a-b)), em que os verbos desencadeiam sensações na entidade representada pelo OI:

- (12) a. Esta voz **pertence** à jovem.
b. Esta Escola **pertence** ao Ministério da Agricultura. (Vilela, 1992: 118)
- (13) a. O quadro **agrada-me/desagrada-me** muito.
b. O romance **interessa-me** muito. (Vilela, 1992: 119)

Relativamente aos **verbos com três lugares**, é relevante mencionar que Vilela (1992: 119) divide este grupo em duas subclasses: os *Verba Dicendi* e os *Verba Dandi*.

⁴ Neste caso, é possível considerar que o beneficiário será, à partida, aquele que possui as cortinas. Nesse sentido, não só beneficia como tem a posse das cortinas.

Dentro da primeira subclasse, considera verbos relacionados com o ato de comunicar como *dizer, confiar, escrever, divulgar, contar, comunicar*, o que mostra, desde logo, que o significado lexical deste grupo de verbos é a comunicação, ou seja, estes verbos descrevem o facto de fazer com que alguém tome conhecimento de uma situação, pelo ato de comunicar para outra pessoa (cf. (14)).

(14) O João **contou** uma notícia *ao Luís*.

Inserem-se no grupo dos *Verba Dandi* os verbos que denotam a transferência de posse de uma entidade para outra entidade. Por outras palavras, uma entidade que não possuía algo passa a ter a sua posse, como se verifica com os verbos *oferecer, doar, dar, vender, transmitir, emprestar*, etc. No caso dos verbos como *oferecer, dar* e *vender* o objeto é transferido para outra entidade, que adquire a sua posse; diferentemente, com verbos do tipo *roubar* e *tirar* a entidade detentora do objeto perde a sua posse; e, por fim, em verbos como *emprestar, ceder* e *facultar* o objeto tende a permanecer na posse da entidade inicial (Vilela, 1992).

Por fim, **no terceiro grupo**, inserem-se verbos como *agradecer, habituar/desabituar* e *adequar*. Neste grupo de verbos, de acordo com o autor, parece haver uma relação de posse, uma vez que em (15), por exemplo, o agente (OI) é o responsável por essa relação: “Recebi isto de ti / Tu deste-me isto” (1992: 121).

(15) Ele **agradece-te** isto (por isto).

Tabela 1 – Verbos que selecionam objeto indireto argumental no PE, de acordo com Vilela (1992)

Verbos com objeto indireto argumental		
<u>Verbos de 2 lugares</u>	<u>Verbos de 3 lugares</u>	<u>Verbos de CD+CI</u>
Verbos de dominação: <i>pertencer...</i>	<i>Verba Dicendi (et Tacendi):</i> <i>dizer, confiar, escrever,</i> <i>divulgar, contar,</i> <i>comunicar...</i>	Verbos do tipo: <i>agradecer,</i> <i>habituar/desabituar,</i> <i>adequar...</i>
Verbos de impressões: <i>agradar, cheirar,</i> <i>interessar...</i>	<i>Verba Dandi (et Tollendi):</i> <i>oferecer, doar, dar, vender,</i> <i>transmitir, emprestar...</i>	

(Ver Vilela, 1992: 118-121)

Também Gonçalves e Raposo (2013) abordam a questão do OI argumental e não argumental, apontando a existência de um grupo de **verbos de transferência**, transferência essa que pode ser física – como acima verificado com os verbos do tipo *oferecer, dar e vender* – ou abstrata (cf. (16))

(16) **Ofereceram** a biblioteca *ao estado*. (Gonçalves e Raposo, 2013: 1173)

Além deste grupo de verbos, os autores consideram como verbos selecionadores de OI aqueles que denotam um **pedido ou uma sugestão** de uma entidade a outra entidade, como os verbos diretivos (cf. (17)): *suplicar, pedir, rogar, ordenar, implorar, propor*.

(17) O professor **ordenou** *ao aluno* que saísse da sala.

(Gonçalves e Raposo, 2013: 1174)

Por fim, há ainda um conjunto de verbos que designam **intransitivos**⁵ que acabam por ser selecionadores de OI argumental (cf. (18.a-b)) como *faltar, agradar, apetecer, aprazer, desobedecer, obedecer, desagradar*, etc.

- (18) a. Os filhos devem **obedecer** *aos pais*.
 b. O filme **agradou**-*me*.

Tabela 2 – Verbos que selecionam objeto indireto argumental no PE, de acordo com Gonçalves e Raposo (2013)

Verbos com objeto indireto argumental		
<u>Verbos de transferência:</u>	<u>Verbos de pedido ou sugestão:</u>	<u>Verbos intransitivos:</u>
<i>Oferecer, dar, vender, comprar, confiar, devolver, entregar, roubar, tirar, transmitir...</i>	<i>Suplicar, pedir, rogar, implorar, propor, ordenar, sugerir...</i>	<i>Faltar, agradar, apetecer, aprazer, desobedecer, obedecer, desagradar, chegar, bastar...</i>

(Ver Gonçalves e Raposo, 2013: 1173-1175)

De forma a distinguir os OIs argumentais dos não argumentais, Brito (2009) refere que no caso dos verbos verdadeiramente ditransitivos como *dar* e *entregar*, ainda que o OI possa não estar exposto, ele é obrigatoriamente interpretável; já com verbos como *colocar, preparar* e *construir* tal interpretação não é obrigatória, embora seja, em certas frases, possível. Além disso, a autora apresenta dois testes para a distinção entre os dois tipos de OI: (i) o teste da pergunta com *fazer* e o constituinte preposicional; e (ii) o teste das nominalizações. Em relação ao primeiro teste, verificamos que em (19) os exemplos

⁵ Gonçalves e Raposo (2013) seguem a classificação tradicional segundo a qual os Vs transitivos são apenas aqueles que selecionam um SN objeto direto. No entanto, deve salientar-se que a posição destes autores se encontra desatualizada, dado que hoje se considera como verbo transitivo todo aquele que seleciona complementos (cf. Mateus et alii 2003, em particular, capítulo 10, e Cunha e Cintra (1984)).

resultam agramaticais pois o OI apresenta-se como um verdadeiro argumento do verbo; por oposição, em (20) as frases são gramaticais, dado que o OI não integra a estrutura argumental do verbo.

- (19) a. * O que é que o João fez *ao Pedro*? **Ofereceu** um CD.
b. * O que é que os miúdos fizeram *aos pais*? **Pediram** uma bicicleta.

(Brito, 2009: 149)

- (20) a. O que é que o pai fez *à filha*? **Construiu** uma casa.
b. O que é que a mãe fez *à filha*? **Preparou** o jantar.
c. O que é que a costureira fez *à dona de casa*? **Colocou** as cortinas.

(*ibidem*)

Em relação ao teste das nominalizações, Brito (2009) considera que só podem ocorrer com nominalizações os OIs que são verdadeiramente selecionados pelo verbo (cf. (21)), embora os juízos de gramaticalidade não sejam tão claros como em (20).

- (21) a. A dádiva da casa *à filha*.
b. A doação dos livros *à biblioteca*.
c. ? A construção da casa *à filha* deu algum burburinho na família.
d. ? A colocação das cortinas *à dona de casa* facilitou imenso a decoração.

(Brito, 2009: 150)

Através do exposto, Brito (2009) conclui que são verdadeiros verbos ditransitivos os verbos do tipo *dar*, *entregar*, *comunicar*, *enviar*, *prometer*, *vender*, etc; e que não são verdadeiros ditransitivos os verbos como *pôr*, *colocar*, *construir*, *preparar*, *cortar*⁶.

⁶*Pôr* e *colocar* são verbos transitivos diretos e indiretos, dado que são verbos de três argumentos (*x* coloca *y* em *z*), mas não são considerados tradicionalmente ditransitivos.

1.1.2. Verbos com OI não argumental no PE

Ao contrário do que se verifica com os dativos argumentais, há situações em que o OI não é selecionado pelo verbo. Tal como vimos no ponto anterior, Brito (2009) considera que muitos verbos podem ser acompanhados de OI não argumental, entre eles verbos do tipo *colocar*, *pôr*, *construir* e *preparar*. Vilela (1992) acrescenta muitos outros (nem todos ditransitivos) que diz estarem relacionados com os *dativos livres*⁷:

Tabela 3 – Verbos que podem coocorrer com objeto indireto não argumental no PE, de acordo com Vilela (1992) e Brito (2009)

Verbos com objeto indireto não argumental	
<u>Vilela (1992)</u>	<u>Brito (2009)</u>
<i>Doer, tremer, comer, conhecer, partir, cair, apertar, lavar, chegar, contar...</i>	Verbos do tipo <i>colocar, pôr, construir, preparar, cortar...</i>

(Ver Vilela, 1992: 121-125; Brito, 2009: 149-150)

Os dativos não argumentais, de acordo com Vilela (1992: 122), envolvem um sentido de responsabilidade e de participação, ainda que esta não seja direta. Com isto, vemos, desde já, que os dativos não argumentais se distinguem dos argumentais, visto que os segundos participam diretamente na situação relatada pelo verbo (Gonçalves e Raposo, 2013). Assim, Vilela (1992) considera a existência de três subvariedades de OI não selecionado pelo verbo: o dativo de posse; o *dativus commodi/incommodi*; e o *dativus ethicus*.

⁷ Sobre isto Vilela (1992: 122) refere: “O chamado «dativo livre» tem como características gerais as seguintes: o facto de designar PESSOAS que estão numa relação ESPECIAL (não apenas numa relação mediata, mas sobretudo relação especial) – de interesse, de participação ou de responsabilidade – com o conteúdo descrito na frase, de considerar o conteúdo frásico na sua totalidade e de as PESSOAS não participarem diretamente nesse contexto.”

A primeira subvariedade (dativo de posse) implica uma relação de pertença e está relacionada, de uma forma geral, com as diferentes partes do corpo humano (cf. (22.a-b)), que exprimem posse inalienável. Na *Gramática do Português* (2013), Gonçalves e Raposo consideram que o dativo de posse é caracterizado por descrever uma situação de posse em que uma entidade possui outra (cf. (23)), ou seja, em ambos os casos o OI representa a entidade “possuidora”.

- (22) a. **Doem-me** as costas.
b. As suas mãos **tremem-lhe**. (Vilela, 1992: 122)

- (23) O irmão **comeu-lhe** o reбуçado. (Gonçalves e Raposo, 2013: 1180)

A segunda subvariedade (*dativus commodi/incomodi*) implica uma ideia de responsabilidade e de interesse, sendo que há uma entidade que é beneficiada ou prejudicada pela situação descrita pelo verbo (cf. (24.a). A isto Vilela (1992: 124) acrescenta: “(...) este dativo é regido pelo complexo verbal, em que se inclui, portanto, o verbo e os complementos apensos ao mesmo verbo.” (cf. (24.b)).

- (24) a. O vaso **partiu-se-lhe**.
b. A chave **caiu-me** à água. (Vilela, 1992: 123 e 124)

Por fim, a terceira subvariedade (*dativus ethicus*) apresenta uma forte presença de emoção nos enunciados produzidos (cf. (25.a-d)), o que explica a grande frequência deste tipo de dativo em frases exclamativas ou em outras com forte carga subjetiva. Além disso, neste tipo de dativo há uma forte interação entre um *eu* e um *tu*, daí que seja mais usual a presença do pronome dativo na 1ª e na 2ª pessoa do singular (sem que se possa substituir tal pronome por *a SN*, pois se assim fosse deixava de ser dativo ético: “Aperta esse casaco *à menina*”). Também Gonçalves e Raposo (2013) consideram a existência do dativo ético, apontando que este é sempre um pronome dativo e que ocorre,

sobretudo, em frases de tipo exclamativo ou exortativo, como vemos nos exemplos em (25).

- (25) a. **Aperta-me** esse casaco!
b. **Lava-me** bem esses dentes!
c. Não *me* **chegues** tarde a casa! (Silva, 1999: 442)
d. **Conta-me** bem essa história ao miúdo! (*Ibidem*)

Através do exposto, verifica-se que no PE existem verbos que selecionam verdadeiros dativos e verbos que surgem acompanhados de dativos que não são argumentais, sendo mesmo considerados por certos autores adjuntos.

1.2. Aspetos semânticos do OI no Espanhol

Este mesmo fenómeno ocorre noutras línguas do mundo, como o Espanhol. No Espanhol existem, segundo Campos (1999) duas classes diferentes de objetos indiretos: CInd¹ e CInd². Sobre elas, o autor menciona que:

Hay una generalización semántica entre los verbos que caen bajo la clasificación de CInd¹: todos ellos son predicados de transferencia. A la vez, los complementos indirectos CInd² son complementos ‘involucrados’ en la acción del verbo y los predicados denotan ‘creación’, ‘destrucción’ o ‘preparación’.

(Campos, 1999: 1548)

De forma a diferenciar os dois tipos de complementos, o autor expõe algumas propriedades dos dois tipos de OI:

1. Com CInd¹ o clítico *le* não é obrigatório (cf. (26.a)), ao contrário do que se verifica com o CInd² (cf. (26.b));

- (26) a. Lola (le) **dio** la manzana *a Pablo*. (CInd¹)
b. Lola *(le) **comió** la manzana *a Pablo*. (CInd²)

(Campos, 1999: 1548)

Recorde-se que o Espanhol tem redobro do clítico com um SN, como em (26.b) “le...a Pablo”, distinguindo-se do PE, que apenas apresenta redobro do clítico com pronome *lhe* “lhe...a ele” como em “Ela deu-lhe a maçã a ele”.

2. <a + CInd¹> não apresenta, de uma forma geral, ambiguidade (cf. (27.a)), ao contrário de CInd² (cf. (27.b));

- (27) a. **Entregaron** los libros *a Lola*. (CInd¹)
b. El niño le **comió** la manzana *a Lola*. (CInd²)

(Campos, 1999: 1549)

Os autores consideram que no exemplo (27.b) não só há a leitura de recetor, como também existe uma leitura de malefativo (O menino retirou do cesto a maçã que, eventualmente, era para a Lola e comeu-a) e outra de possessivo (O menino comeu a maçã que era da Lola).

3. CInd¹ apresenta, geralmente, o traço [+animado] (cf. (28.a), enquanto CInd² pode ou não apresentar (cf. (28.b)).

- (28) a. Pablo le **dio** un litro de gasolina (*a Luis/ *al coche*). (CInd¹)
b. Pablo le **limpió** la mancha (*a Luis/ al coche*). (CInd²)

(*Ibidem*)

Segundo o autor, uma das questões colocadas é se o CInd² é ou não argumento do verbo, dado que, ao contrário dos verbos do tipo *dar* (que selecionam CInd¹ e que não permitem a elipse do OI) os verbos que selecionam CInd² admitem a omissão do OI. Veja-se a diferença entre (29.a) agramatical ou pouco aceitável e (29.b), que é perfeitamente aceitável sem qualquer OI.

- (29) a. ?? Pablo dio su bicicleta (CInd¹)
b. Guillermo preparó una torta (CInd²)

(Campos, 1999: 1550)

1.2.1. Verbos selecionadores de OI argumental no Espanhol

Ordóñez (1999), em vez de distinguir, para o Espanhol, entre *core dative verbs* e *non-core dative verbs* – como fazem Rappaport-Hovav & Levin (2008) para o Inglês – prefere discutir a argumentalidade da expressão classificada como OI, uma questão a que também Brito (2009) se dedicou.

De facto, e na continuidade do ponto anterior, no Espanhol há verbos ditransitivos que selecionam três argumentos⁸ como os **verbos de transferência**, representados pelo esquema: “alguien – V – algo – a alguien” (Ordóñez, 1999: 1867). A transferência tanto pode ser *material* (cf. (30)), através de verbos como *dar*, *donar*, *entregar*, *devolver* como pode ser *comunicativa* (cf. (31)) com verbos do tipo *decir*, *contar*, *escribir*, *comunicar*, *anunciar*, *revelar*, etc)⁹:

- (30) **Concedió** un puesto *a mi hermana*.

- (31) **Escribió** unas cuartillas *a su novia*. (Ordóñez, 1999: 1875)

⁸ Ordóñez (1999) designa os verbos de três argumentos por “esquemas triactanciales”.

⁹ Ordóñez (1999) dá uma lista de Vs com OIs argumentais mais ampla do que Vilela (1992) e Brito (2009).

Também os **verbos de movimento físico** (cf. (32)) como *traer, atraer e sacar* e os de movimento *abstrato* (cf. (33)) como *consagrar, asignar, aplicar, dedicar, asociar, oponer* selecionam OI.

(32) He decidido **traer** un regalo *a mis amigos*.

(33) Maria **dedicó** una canción al niño.

O autor menciona ainda um conjunto de verbos, que são os **verbos intransitivos**. Para Ordóñez (1999), existe um conjunto de verbos intransitivos capazes de ser acompanhados de OI (não os aprofundaremos neste trabalho, ficando a dúvida de saber se há ou não seleção): verbos de incumbência (*incumbir, convenir, tocar, corresponder, etc.*); verbos de adequação (*bastar e sobrar*); verbos de movimento físico e de mudança (*llegar, subir, venir, caer, etc.*); verbos de acontecimento (*ocurrir, suceder, etc.*) e verbos de afetação psíquica (*admirar, alegrar, satisfacer, etc.*)

Tabela 4 – Verbos que selecionam objeto indireto argumental no Espanhol, de acordo com Ordóñez (1999)

Verbos com objeto indireto argumental		
<u>Verbos de transferência:</u>	<u>Verbos de movimento:</u>	<u>Verbos intransitivos:</u>
<i>Dar, donar, entregar, enviar, conceder, vender, comprar, ofrecer, poner, colocar, robar, devolver, decir, contar, escribir, revelar...</i>	<i>Traer, atraer, sacar, asignar, aplicar, oponer, asociar, dedicar...</i>	<i>Incumbir, convenir, tocar, corresponder, bastar, ocurrir, admirar, sobrar, llegar, subir, venir, caer...</i>

(Ver Ordóñez, 1999: 1876)

Segundo Ordóñez (1999), existe um conjunto de testes que prova se um constituinte com a função de OI é *actante*, termo utilizado pelo autor como sinónimo de “argumental”, ou não argumental. Para ser argumental, o constituinte deverá ser gramatical em qualquer um dos seguintes testes: o teste da substituição do SV que contém o OI pela forma *hacerlo* (cf. (34)), sendo que se “queda incluído dentro de la designación del sustituto *lo*” (Ordóñez, 1999: 1875); o teste da criação de frases condicionais (cf. (35)), em que o OI aparece destacado e não é possível a eliminação do indefinido na primeira oração; e ainda o teste das nominalizações, que mantem o OI “en los sustantivos deverbales correspondientes” (Ordóñez, 1999: 1875) (cf. (36)). Também Brito (2009) dá, como vimos, testes de argumentalidade para o PE.

- (34) a. **Envió** un jamon *al presidente del tribunal*.
b. *Lo hizo *al presidente del tribunal*/ Lo hizo. (Ordóñez, 1999: 1875)

- (35) a. **Entregó** el premio *a los familiares*.
b. Si a alguien entregó el premio, fue *a los familiares*.
c. * Si Ø entregó el premio, fue *a los familiares*. (*Ibidem*)

- (36) a. **Notificó** el resultado *al auditorio*.
b. La notificación del resultado *al auditorio*. (*Ibidem*)

Com base nestes e noutros testes, Ordóñez (1999) conclui que verbos como *dar*, *enviar*, *oferecer* e *enseñar* são, em Espanhol, verdadeiros verbos ditransitivos cujo OI é um argumento pertencente à estrutura argumental do verbo.

1.2.2. Verbos que podem ser acompanhados de OI não argumental no Espanhol

Ordóñez (1999: 1883) considera que podem coocorrer com OI não argumental os verbos relacionados com a criação, destruição e preparação: *coser*, *reparar*, *lavar*, *cocinar*, *comer*, *preparar*, *destruir*, *romper*, *gastar*, etc. No entanto, quando aplicados

os testes anteriores de argumentalidade, o OI parece ser simultaneamente argumental e não argumental. No que se refere à sua substituição por *hacerlo* (cf. (37)), o clítico parece comportar-se como argumental; quanto à criação de frases condicionais (cf. (38)) o OI parece, igualmente, comportar-se como argumental. Todavia, com o teste das nominalizações (cf. (39)) tal resultado não se verifica e a nominalização com *lavar* é, como esperado, agramatical com dativo, uma vez que este é não argumental.

(37) a. Le **reparó** el cuadro *a Benito*.

b. * Lo hizo *a Benito*. (Ordóñez, 1999: 1884)

(38) a. Les **asare** un pollo *a los invitados*.

b. Si a algunos les aso un pollo, será *a los invitados*.

c. ?? Si Ø les aso un pollo, será *a los invitados*. (Ordóñez, 1999: 1885)

(39) a. Le **lavaba** la ropa *a Pepe*.

b. ?/ * El lavado de la ropa *a Pepe*. (*Ibidem*)

Um outro teste que prova o carácter não argumental de alguns dativos é o teste dos participípios, visto que “solo podrán llevar complementos indirectos los participios de verbos que tengan prefigurada esta función en su estructura argumental” (1999: 1885), como mostra a agramaticalidade de frases como (40), com participípios de *comer e alegrar*.

(40) a. * Un pastel **comido** *a Andres* por Pablo.

b. * Una fiesta **alegrada** *a los asistentes* por mi marido.

(Ordóñez, 1999: 1886)

Assim, para o autor, os testes mostram algumas semelhanças entre o comportamento dos dativos argumentais e dos dativos não argumentais. Ordóñez (1999)

refere que é vasta a classificação dos dativos não argumentais nas gramáticas espanholas. Fernández Ramírez (1951: 104 *apud* Ordóñez, 1999), por exemplo, menciona um grupo de dativos não argumentais designado por “*dativos de interés*” – designação que inclui algumas das noções usadas por Vilela (1992) já acima mencionadas. De acordo com o autor, este grupo divide-se em: dativos “simpatéticos o posesivos” (cf. (41)); dativos de direção (cf. (42)); dativos *commodi o incommodi*, que exprimem o tipo de relação (positiva ou negativa) estabelecida entre duas pessoas (cf. (43)); e dativos éticos que, tal como no PE, denotam expressividade e uma interação entre o *eu* e o *tu* (cf. (44)).

- (41) La señora, desconsolándose, **le** abría el delantal. (Ordóñez, 1999: 1906)
- (42) Durante todo el camino se **nos** acercó la gente de los pueblos. (*Ibidem*)
- (43) Cortó una rama de avellano que **le** nublaba el sol. (*Ibidem*)
- (44) Vosotras no **me** salgáis daqui... (*Ibidem*)

1.3. Sumário

Em conclusão, há em diversas línguas dativos argumentais e dativos não argumentais, dependendo das classes de verbos.

Neste capítulo, tivemos como objetivo distinguir os diferentes tipos de dativo, no PE e no Espanhol, e o estudo das classes de verbos que os selecionam.

Verificámos que, tanto no PE como no Espanhol, nem todos os verbos com dativos integram o OI na estrutura argumental e que, por isso, existem dativos argumentais e não argumentais; além disso, os OIs podem estar relacionados com vários papéis temáticos (meta, recipiente, beneficiário, malefativo, origem), o que parece reforçar a ideia de que nem todos os dativos/OI são do mesmo tipo. Como vimos neste capítulo, o papel e a natureza do OI dependem do seu carácter argumental ou não argumental; do facto de os verbos terem (ou não) um sentido de trajetória e movimento

ou outro; e também de fatores como o tipo de construção em que surge, tal como veremos no próximo capítulo (CDP ou CDO).

Ainda que o estudo de dativos não argumentais seja importante para certas análises da alternância dativa, como a neo-construcionista¹⁰, centrar-nos-emos, no próximo capítulo, no estudo da alternância com verbos ditransitivos, no Inglês e no PE, baseando-nos na ideia de que o que determinará o tipo de construção em que o verbo ocorre é o próprio significado do verbo.

¹⁰ Neste trabalho não abordaremos esta visão da alternância dativa.

Capítulo 2 – A alternância dativa

O estudo das construções ditransitivas tem sido um tema muito estudado em Linguística. A sua importância surge do facto de, em numerosas línguas, haver alternância dativa, isto é, de existirem duas construções: a CDO (construção de duplo objeto) e a CDP (construção dativa preposicionada).

No PE, a (alegada) alternância dativa é um fenómeno estudado por autores como Morais (2006), Costa (2009), Morais e Salles (2010), Brito (2014, 2015) e Gonçalves (2016), sendo que não há consenso sobre a existência deste fenómeno nesta língua. No Inglês, por ser uma particularidade desta língua, a bibliografia sobre este fenómeno é muito vasta e, por esse motivo (e também por limitação de espaço), seguiremos o que sobre ele escreveram alguns linguistas como Oehrle (1976), Larson (1988) e Rappaport-Hovav & Levin (2008). Assim, importa refletir sobre o que pensam estes autores em relação à CDO e à CDP: serão duas construções sinónimas? Poderá existir alternância dativa com várias subclasses de verbos? Como relacionar sintaticamente as duas construções?

2.1. O estudo da alternância dativa no Inglês

2.1.1. Oehrle (1976)

Como é conhecido, o Inglês apresenta alternância dativa, ilustrada em (1) e em (2).

- (1) a. John **gave** a book to Mary. (CDP)
b. John **gave** Mary a book. (CDO) (Oehrle,1976: 7)

- (2) a. John **bought** a car for Mary.¹¹ (CDP)
b. John **bought** Mary a car. (CDO) (*Ibidem*)

¹¹ Nesta dissertação optamos por incluir os exemplos de Oehrle (1976) com a preposição *for*, no entanto, reconhecemos que esta não apresenta o mesmo valor que a preposição *to*, uma vez que *for* parece aproximar-se da preposição usada em Português *para* e *to* da preposição usada em Português para exprimir o OI: *a*.

Segundo Oehrle (1976), quer a CDO quer a CDP são estruturas básicas do Inglês. Antes da década de 70, a alternância dativa era analisada, por alguns autores, de acordo com uma perspectiva transformacional, motivo que levou Oehrle (1976) a estudar o fenómeno de alternância dativa e a investigar se, de facto, as possibilidades de construção deste fenómeno apresentavam ou não o mesmo significado. Com isto, o linguista centra-se sobretudo nas restrições semânticas e lexicais da alternância e nas diferenças de significado entre as duas construções. Para o autor, enquanto a CDO envolve uma mudança no possuidor, a CDP envolve uma mudança de localização do tema.

De acordo com uma análise transformacional/derivacional, as frases (1) e (2) apresentariam a mesma estrutura básica, sendo que as que apresentam CDO derivariam das frases com CDP. Distanciando-se desse tratamento, Oehrle (1976) defende que:

(...) all four sentences have distinct deep structures. In other words, the verb give is subcategorized in two distinct ways and will consequently satisfy the conditions for lexical insertion into both the prepositional dative structure and the double object structure.

(Oehrle, 1976: 8)

A este tipo de regras lexicais, Oehrle (1976) atribui a designação de *lexical redundancy rule*, que pode ser exemplificada com o seguinte esquema:

$$X, [+V, -N], \dots + [NP^1 \text{ to } NP^2] \rightarrow X, [+V, -N], \dots + [NP^2 NP^1]^{12}$$

Segundo Araújo (2009: 19), que apresenta de forma sintetizada o trabalho de Oehrle (1976), a regra diz que “se há um item lexical X que é verbo (i.e. [+V, -N]) e possui o traço de subcategorização + [___ NP₁ to NP₂], então X também possui o traço + [___ NP₂ NP₁].” De acordo com a autora, esta seria quase uma análise transformacional, no entanto, para Oehrle (1976), trata-se de uma regra lexical. Como esta regra é

¹² Regra retirada de Araújo, K. (2009: 19). *Alternância do dativo em Inglês: evolução das análises e a relação entre léxico e sintaxe*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

“produtiva” para a análise da alternância dativa, “vai se aplicar a todo o verbo que possui o traço + [__ NP to NP]; (...) Com isso, não é preciso repetir na entrada lexical dos verbos a propriedade redundante + [__ NP₂ NP₁]; somente as exceções são marcadas”. (Araújo, 2009: 19)

Nesta dissertação, centramo-nos sobretudo nas frases com a preposição *to*, ainda que Oehrle (1976) também se dedique às construções com *for*: “the addition of particles as such out and off to verbs which ordinarily do not occur in either dative construction often renders the new combination compatible with both dative constructions” (Oehrle, 1976: 120) (cf. (3)).

- (3) a.* John **fished** a trout for Mary.
b.* John **fished** Mary a trout.
c. John **fished** out an apple for Mary.
d. John **fished** Mary out an apple. (Oehrle, 1976: 120)

No que se refere às classes de verbos, para Oehrle (1976), nem sempre se reúnem as condições necessárias para que um verbo possa surgir nos dois tipos de construções, independentemente de terem um sentido idêntico (cf. (4) e (5))

- (4) a. John **got** a ticket for Mary.
b. John **obtained** a ticket for Mary.
c. John **procured** a ticket for Mary. (Oehrle, 1976: 121)

- (5) a. John **got** Mary a ticket.
b. *John **obtained** Mary a ticket.
c. *John **procured** Mary a ticket. (*Ibidem*)

Para o linguista, embora *for* envolva transferência, essa não é do mesmo tipo da que ocorre com os verbos com *to*.

A diferença básica entre os verbos com *to* e verbos com *for*, como já podemos ver, é que com *for* há “a intenção” de que o beneficiário venha a entrar em alguma relação com o objeto direto; com verbos com *to* há, de fato, um processo de “transferência”. Entretanto, Oehrle enfatiza que, tal como acontece com verbos com *for*, também com os verbos com *to* as estruturas dativas não são equivalentes semanticamente.

(Araújo, 2009: 40)

Desenvolvendo uma perspectiva lexicalista e semântica e não transformacional da alternância dativa em Inglês, Oehrle (1976) defende que é necessária a existência de condições de verdade para que as frases sejam verdadeiras e que duas frases apresentem o mesmo valor de verdade para serem consideradas sinónimas. O autor dedica-se ao estudo das condições de verdade de frases que, embora aparentem ter o mesmo significado, não o têm. Nesse sentido, considera que um mesmo verbo pode surgir em frases com leituras ambíguas. Veja-se o seguinte exemplo:

(6) Nixon **gave** Mailer a book. (Oehrle, 1976: 19)

A partir de (6) são possíveis três leituras (descritas em (7)):

(7)

- Na primeira leitura, percebe-se que o livro era do Nixon e agora passou a ser do Mailer;
- Na segunda leitura, o Nixon tinha o livro, mas passou-o ao Mailer;
- Na terceira leitura, o Nixon contribui, por exemplo, enquanto inspiração para a elaboração do livro.

Enquanto nas duas primeiras leituras há uma transferência, ainda que de tipo diferente, e uma relação de posse perante o possuidor e o beneficiário, o mesmo não se verifica na terceira leitura, visto que nesta apenas é possível constatar que o livro não existiria se não fosse o contributo de Nixon (Oehrle, 1976: 25). Assim, pelo facto de não haver um ato de transferência concreta, verificamos que, ao contrário do que acontece

com as outras leituras, na terceira leitura não se aplica a CDP (cf. (9)) mas somente a CDO, como em (8). Quer tal dizer, na leitura abstrata é possível a CDO, mas não é possível a CDP (cf. de novo (8)).

- (8) (= 6) Nixon gave Mailer a book.
(9) * Nixon **gave** a book to Mailer.

Ainda sobre a relação entre a transferência de posse e a alternância dativa, na sua tese, Oehrle (1976) faz a distinção entre posse inalienável (cf. (10)) e posse alienável (cf. (11)): “yet although we must evidently make a distinction between (inalienable) non-transferrable social rights and transferrable social rights (...) we must make further distinctions to limit the use of possess in its inalienable aspects” (Oehrle, 1976: 32). De acordo com Oehrle (1976), há uma ligação entre os verbos com o conceito de posse que ocorrem na CDO e a noção de posse, daí que o autor se dedique ao estudo dos dois. Se atentarmos nos exemplos abaixo referidos, verificamos que o verbo *have* tanto pode apresentar significado de posse inalienável (cf. (10)) como posse alienável (cf. (11)).

- (10) a. John **has** a bad liver.
b. * John **possesses** a bad liver. (Oehrle,1976: 32)
- (11) a. John **has** a bicycle.
b. John **possesses** a bicycle.

Segundo o linguista, quando a posse é inalienável, isto é, quando não possibilita a transferência, apenas é possível a CDO (cf. (12)). A diferenciação dos dois grupos de posse revela-se crucial para Oehrle (1976), uma vez que é o facto de existir ou não transferência que vai determinar se há ou não alternância dativa.

No exemplo (12.a) existem duas leituras possíveis: a leitura em que *give* seleciona uma expressão de posse não alienável (*Mary* tem *an attractive skin*) e a leitura em que

elege uma expressão de posse alienável, se considerarmos, por exemplo, que um médico deu algum tipo de pele (tecido) à Mary (Oehrle, 1976). Com isto, o autor conclui que *give* pode ser parafraseável por *have*, em exemplos como este, em que existe ambiguidade (cf. (12)).

- (12) a. The doctor **gave** Mary an attractive skin. (Oehrle, 1976: 126)
b. Mary **has** an attractive skin.

Em (13), com a CDP, tal ambiguidade já não se verifica.

- (13) The doctor **gave** an attractive skin to Mary. (*ibidem*)

Assim, Oehrle (1976) mostra existirem restrições na alternância dativa. Para o autor, este fenómeno manifesta sobretudo restrições semânticas na CDP, como a impossibilidade de ocorrência de um OI com uma expressão de posse inalienável ou, então, não se realiza a transferência (cf. (14)).

- (14) a. I **gave** John a headache.
b.* I **gave** a headache to John.

Além disso, no que se refere à CDO e em relação ao sucesso da transferência, em exemplos como (15.b), Oehrle (1976) considera que o alvo recebe, efetivamente, o tema. Por outras palavras, em (15.a) não se conclui, necessariamente, que os alunos tenham aprendido francês; todavia, em (15.b) sabe-se que os alunos aprenderam francês, ou seja, para Oehrle (1976) há uma implicação de transferência de posse mais forte na CDO. (Larson, 1988: 376)

- (15) a. John **taught** French to the students.
b. John **taught** the students French. (Oehrle, 1976 *apud* Larson, 1988: 376)

Através do exposto, concluímos que Oehrle (1976) apresenta uma rutura com a visão transformacional, considerando que a alternância dativa está relacionada com as subclasses lexicais dos verbos, prevalecendo a análise com base em regras lexicais e não transformacionais. Nesse sentido, para o linguista, as duas construções não são, de facto, sinónimas e, por isso, o autor tem em consideração a semântica dos verbos para analisar a relação semântica entre as duas construções dativas. É de salientar que esta sua visão sobre a alternância dativa anuncia uma perspectiva atual como a de Rappaport-Hovav & Levin (2008), a que nos referiremos adiante.

2.1.2. Larson (1988)

Também para Larson (1988:369), existem algumas restrições na alternância dativa, uma vez que o autor considera que verbos como *donate* e *distribute* podem surgir na CDP, mas não na CDO e que verbos do tipo *deny* e *spare* podem ocorrer na CDO mas não na CDP.¹³

(16) a. I **donated** money to charity. (beneficiário)

b. *I **donated** charity money. (adaptado de Larson, 1988: 371)

(17) a. Where did John **donate** ten dollars?

John **donated** ten dollars to the ASPCA./ *John donated ASPCA ten dollars.

b. Who did John **donate** ten dollars to?

John **donated** ten dollars to Kerry. / John donated Kerry ten dollars.

(adaptado de Levinson 2005: 3-4 *apud* Gonçalves 2016: 89)

¹³ A este propósito, Gonçalves (2016: 89) escreve que, para Larson (1988), a preposição *to* que ocorre na CDP com verbos do tipo *give* não apresenta um valor igual à preposição *to* que ocorre nesta construção com verbos do tipo *donate*, visto que no primeiro caso a preposição funciona como um marcador de caso e no segundo como uma verdadeira preposição, que atribui papel temático (cf. (16)) (também Rappaport-Hovav & Levin (2008) retomarão esta questão, como veremos adiante)). Gonçalves (2016) atenta ainda na observação de Levinson (2005), que alega que *donate* se comporta, perante o teste das interrogativas-Q, como um *non-core dative verb* (cf. (17.a) e, simultaneamente, como um *core dative verb* em (17.b).

No entanto, Larson (1988) pretende mostrar que, ainda que no Inglês existam algumas restrições lexicais, há sinais de que a alternância dativa é um fenómeno derivacional, segundo o qual uma estrutura (CDO) deriva de uma outra estrutura (CDP).

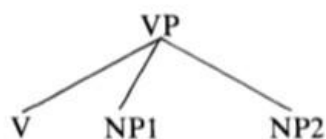
Para Larson, os fenómenos do escopo de quantificadores e ligação mostram que o OI na CDO c-comanda o OD e que na CDP há também uma relação assimétrica. O autor tem em consideração Barss & Lasnik (1986, *apud* Larson 1988), que apontam a existência de assimetrias que mostram que o constituinte com o papel de beneficiário c-comanda o constituinte com o papel de tema na CDO: em (18) o pronome reflexo tem de ser c-comandado pelo seu antecedente; em (19) os pronomes *his / its* só podem ser ligados por quantificadores se estes os c-comandarem. Deste modo, os linguistas consideram que o primeiro NP (beneficiário) c-comanda o segundo (tema).

- (18) a. I showed Mary herself.
b.* I showed herself Mary. (Larson, 1988: 336)

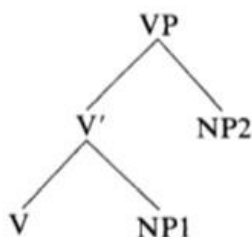
- (19) a. I gave every worker_i his_i paycheck.
b. * I gave its_i owner every paycheck_i. (*Ibidem*)

De acordo com estudos anteriores da gramática generativa, foram propostas para a alternância dativa duas estruturas (20) e (21). A estrutura em (20), proposta por Oehrle (1976) para as construções de duplo objeto, é uma estrutura em que NP₁ e NP₂ se c-comandam mutuamente e não há qualquer relação de assimetria entre os dois constituintes. Já a estrutura em (21) foi proposta por Chomsky (1981, *apud* Larson 1988: 337) e, ao contrário do que se verifica em (20), aqui NP₂ c-comanda assimetricamente NP₁, uma vez que este se encontra num nó inferior a NP₂. No entanto, ambas as estruturas contradizem o que foi dito anteriormente, uma vez que o OD surge numa posição superior à do OI e, por isso, Larson (1988) afasta-se das propostas destes autores, defendendo que tanto o OD como OI não ocupam as mesmas posições nas duas construções.

(20)



(21)



Estruturas retiradas de Larson (1988: 337)

Larson (1988: 335) parte de estudos anteriores de Chomsky (1955/1975) e distancia-se das duas estruturas anteriores (embora mantenha uma análise baseada numa estrutura bipartida, tal como Chomsky) e da opinião de que frases como (22.a) derivam de frases como (22.b). Segundo Chomsky (1955/1975, *apud* Larson 1988: 339) em (22.b) o OI é considerado um *inner object*, formando um constituinte com o verbo e excluindo o OD.

- (22) a. The teacher gave several books to him.
b. The teacher [gave to him] several books. (Larson, 1988: 339)

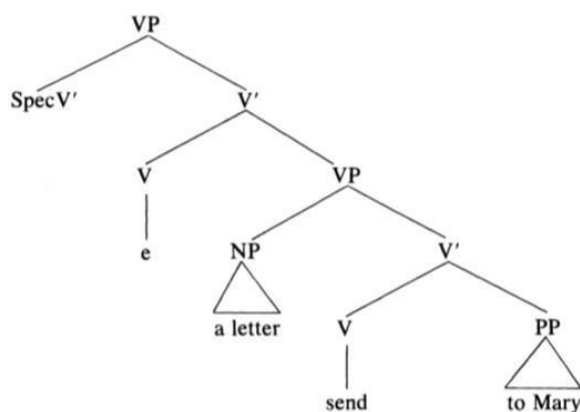
Nesse sentido, para Larson (1988: 342), a estrutura sintática de frases como (22.b) seria a estrutura presente em (23):

The VP consists of an empty V taking a VP complement whose specifier is *a letter*, whose head is *send*, and whose sole complement is the PP *to Mary*. This structure may be understood intuitively as follows: *send* takes the complement *to Mary*, forming a small predicate *send-to-Mary* as in Chomsky (1955/1975). The latter is predicated of an

“inner object” *a letter*, forming a VP with clause-like structure: *a letter send to Mary*. This VP is then in turn predicated of a subject like *John* to yield the full sentence.

(Larson, 1988: 342)

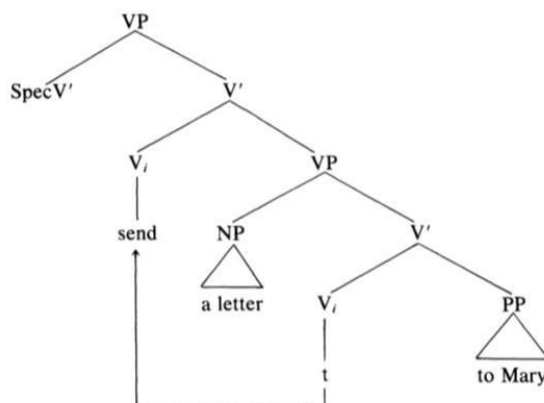
(23)



Estrutura retirada de Larson (1988: 342)

No entanto, e como refere Larson (1998), uma frase como “* John a letter send to Mary” é agramatical, razão pela qual propõe que o verbo deve ser movido, de forma a ficar à esquerda do constituinte com a função sintática de OD. Assim, ao mover-se para a posição mais elevada, o V consegue abranger os dois complementos.

(24) John sent a letter to Mary.



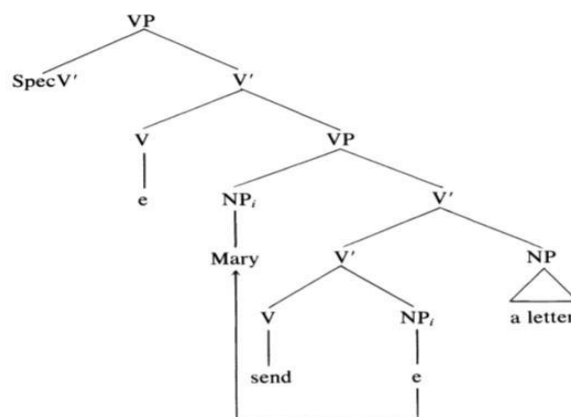
Estrutura retirada de Larson (1988: 343)

Relativamente à CDO, Larson (1988) propõe, como vimos, que esta deriva da CDP. Transcrevemos aqui a passagem de Brito (2009) sobre este tratamento:

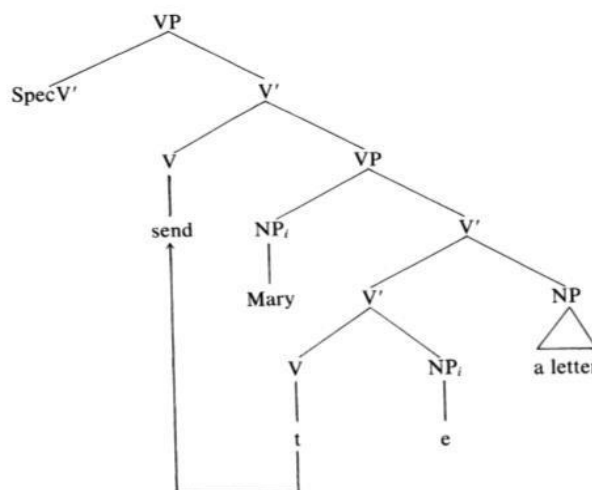
Larson proposes that there is a movement of the (human or animate) NP to a superior position, more precisely, to the specifier of VP, a “subject” position of the complex verb phrase, where the verb, once moved, will mark this NP with structural case. (...) The V absorbs the (inherent) case and *to* disappears as a result. The subject position dethematizes and may then receive the other NP; on the other hand, the basic subject [a letter] undergoes a process of “demotion” and is projected as an adjunct to V’.

(Brito, 2009: 7)

(25) John sent Mary a letter.



(26)

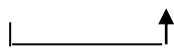


Estruturas retiradas de Larson (1988: 353)

Em (26), o OD *a letter* vai mover-se para a posição de adjunto do V' enquanto o OI *Mary* se move para a posição de especificador de VP. Novamente, o verbo sobe (cf. (26)) para a posição mais elevada para abranger os seus complementos. Assim, o linguista defende que os dois complementos, ao estarem situados sob a regência de V, permitem a marcação de caso. Ao mesmo tempo, a mudança de estrutura em nada altera o seu sentido, dado que os papéis temáticos se mantêm.

Ainda sobre as estruturas das construções dativas, Larson (1988) menciona o fenómeno do “Heavy NP Shift”, considerado desde Ross (1967, *apud* Larson, 1988) como um movimento dos constituintes NP mais pesados para a periferia direita da frase (cf. (27)). No entanto, para o autor, na frase “I gave to John [everything that he demanded]”, o constituinte mais pesado “everything that he demanded” não seria movido para a direita (cf. (27)), mas seria o constituinte ‘gave to John’ a mover-se para a esquerda e para cima (28):

(27) I gave t to John [everything that he demanded]. (Larson, 1988: 347)



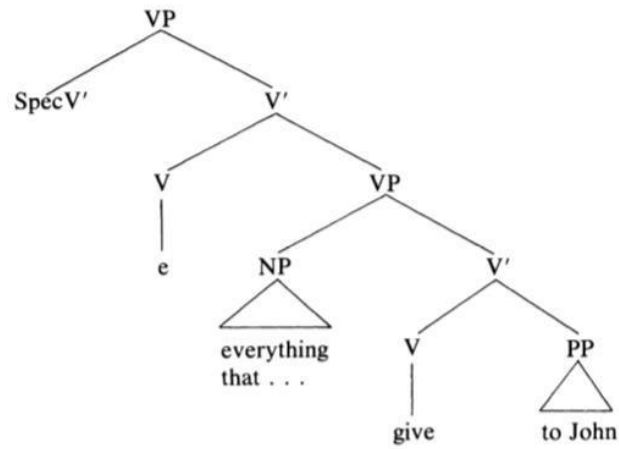
(28) I [gave to John] everything that he demanded t. (*Ibidem*)



Vejamos como, segundo Larson (1988), a regra de *V' Reanalysis*¹⁴ pode ou não ser aplicada. “Thus, consider the underlying VP, where the \emptyset -grid for [v' give to John] contains one unsaturated internal argument” (Larson, 1988: 349). Em (29) a regra não foi aplicada, visto que V [give] move-se para [e] originando “give everything that he demanded to John”.

¹⁴ “Let α be a phrase [v'...] whose \emptyset -grid contains one undischarged internal \emptyset -role. Then α may be reanalyzed as [v...]. (Larson, 1988: 348).

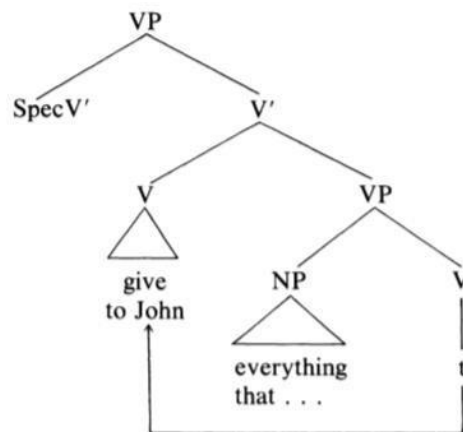
(29)



Estrutura retirada de Larson (1998: 348)

Já em (30) a regra de V' Reanalysis é aplicada e o constituinte “give to John” é movido para V, criando a ilusão de um ‘heavy NP shift’.

(30)



Estrutura retirada de Larson (1988: 349)

Em síntese, Larson (1988), apesar de considerar algumas restrições lexicais na alternância dativa, desenvolve sobre ela uma teoria transformacional, propondo que a

CDO é derivada da CDP. Além disso, e influenciado por Barss & Lasnik (1986), mostra que o OI tem o lugar mais alto do que o OD na CDO para explicar certas assimetrias no que diz respeito a anáfora/ligação e escopo de quantificadores.

2.1.3. Rappaport-Hovav & Levin (2008)

Segundo Rappaport-Hovav & Levin (2008), que desenvolvem as ideias de autores anteriores, há verbos que apresentam duas realizações dos mesmos argumentos. Nesse sentido, e para perceber o fenômeno da alternância dativa, as autoras dedicam-se ao estudo das classes de verbos e ao significado destes, de forma a concluir quais os que podem ocorrer nas duas construções (CDP e CDO) ou apenas numa delas. Como temos visto até aqui, uma das realizações é a CDP ((cf. (31.a) (32.a)) e a outra é a CDO ((cf. (31.b) (32.b))):

- (31) a. Martha **gave** an apple to Myrna.
b. Martha **gave** Myrna an apple. (Rappaport-Hovav & Levin, 2008: 130)
- (32) a. Leigh **threw** the ball to Lane.
b. Leigh **threw** Lane the ball. (*Ibidem*)

Como as autoras mostram e os exemplos ilustram, em (31.a) e (32.a) está presente um SPrep iniciado pela preposição *to*; em (31.b) e (32.b) temos uma CDO em que há duas expressões nominais sem qualquer preposição na ordem V + OI, seguido de OD. No entanto, *to give* não é igual a *to throw* (*lançar, deitar...*) e a muitos outros verbos no Inglês, pelo que as linguistas consideram a existência de dois grupos de verbos dativos semanticamente distintos: os *non-core dative verbs* considerados como “dative verbs having both caused motion and possession meanings” e os *core dative verbs* que analisam como “dative verbs having only a caused possession meaning” (Rappaport-Hovav & Levin, 2008). As autoras dividem os grupos em subgrupos: o primeiro grupo

engloba, fundamentalmente, os verbos do tipo *send* (como *forward, mail...*) e os verbos do tipo *throw* (como *shoot, kick, flip...*) e o segundo grupo é composto por verbos do tipo *give* como *rent, tell, show, sell, etc.*

Ao observarmos o exemplo (31), verificamos que no exemplo (31.a) está presente a preposição *to* e a raiz do verbo está associada a um “caused possession event schema”. Desta forma, verificamos que nos *core dative verbs* a presença de preposição *to* não contribui para a existência de uma mudança na localização espacial, expondo apenas a transferência de posse do tema (*an apple*) para o beneficiário/recipiente (*Myrna*). Por sua vez, no exemplo (32.a) a preposição *to* indica transferência/localização, exprimindo o movimento que a entidade *ball* (o tema) fez do agente para a *Lane* (o alvo). Assim, verifica-se que nas alíneas (31.a-b) e (32.b) o agente (x) é o responsável por fazer o recipiente (z) adquirir/receber algo (y) enquanto na alínea (32.a) o agente (x) move algo (y) para alguém (z) (Rappaport-Hovav & Levin (2008)).

Com isto, vemos que, em relação ao estatuto da preposição *to*, ainda que as autoras não se dediquem ao estudo dos seus valores, consideram que na CDP com verbos como *give* a preposição não envolve um sentido de movimento, enquanto na CDP com verbos como *throw* podemos encontrar dois sentidos: “Concomitantly, since *to* is compatible with both recipients and spatial goals, both are found in the *to* variant with *throw*- and *send*-type verbs.” (Rappaport-Hovav & Levin, 2008: 143).

De forma a distinguir os diferentes tipos de verbos, Rappaport-Hovav & Levin (2008) consideram a existência de alguns testes que permitem diferenciar os *core dative verbs* dos *non-core dative verbs* e de testes que exibem diferenças entre subtipos de *non-core dative verbs*¹⁵. Com isto, para distinguir o primeiro grupo do segundo, as autoras expõem os seguintes testes:

¹⁵ Ainda sobre este tratamento leia-se o que dizem Ormazabal e Romero: “Once again, this contrast supports a radical difference in the interpretation of the PP: with verbs like *throw, kick, etc.* this PP is naturally interpreted as a path, while the PP argument of *give, hand, etc.* is not. Consequently, the PP complement is interpreted differently depending on the properties of the predicate and attributing to it a dedicated caused motion interpretation is pointless.” (Ormazabal & Romero, 2010: 207)

- As frases com a preposição *to* com verbos do tipo *give* não podem ser questionadas com *where?*, o que quer dizer que *give*, ao contrário de *send* e *throw*, não apresenta uma componente de movimento (cf. (33.a-c)).

- (33) a.* Where did you **give** the ball?
b. Where did you **throw** the ball? To third base.
c. Where did you **send** the bicycle? To Rome.

(Rappaport-Hovav & Levin, 2008: 137)

- A preposição *to* com verbos do tipo *give* seleciona, na CDP, complementos animados, contrastando não só com os verbos do tipo *send*, mas também com os do tipo *throw* (cf. (34.a-c)):

- (34) a. I **gave** the package to Maria/* London.
b. I **sent** the package to Maria/London.
c. I **threw** the ball to Maria/the other side of the field.

(Rappaport-Hovav & Levin, 2008: 138)

- As frases com verbos do tipo *give* não podem surgir com *from*, ao contrário das frases com verbos do tipo *send* e das frases com verbos do tipo *throw*:

- (35) * Josie **gave/handed** the ball from Maria (to Bill).

(Rappaport-Hovav & Levin, 2008: 139)

No que se refere à distinção dos subtipos de *non-core dative verbs*, Rappaport-Hovav & Levin (2008) consideram os seguintes testes:

- Os verbos do tipo *throw* selecionam um vasto conjunto de preposições (cf. (36)), ao contrário dos verbos do tipo *send* (cf. (37)):

(36) a. Fred **threw/kicked** the ball under the porch/behind the tree/over the fence.

b. Felicia **threw/kicked** the ball out the window/off the bench.

(adaptado de Rappaport-Hovav & Levin, 2008: 136)

(37) a. * Fred **sent/shipped** the box behind the factory/under the awning.

b. * Felicia **sent/shipped** the box off the shelf/out of the storeroom.

(*Ibidem*)

Assim, de acordo com Rappaport-Hovav & Levin (2008) os verbos são os responsáveis pelo tipo de transferência que denotam, independentemente da construção em que apareçam (cf. também Ormazabal & Romero, 2010: 208); por isso, verbos como *give*, *hand* e *lend* implicam uma transferência bem sucedida quer na CDO quer na CDP (cf. (38.a-b), uma vez que a ação de dar algo a alguém pressupõe que o objeto é entregue ao seu destinatário. Tal não ocorre com os verbos do tipo *owe*, *offer*, *promise*, dado ser possível, por exemplo, oferecer algo a alguém e o destinatário recusar a oferta (cf. (39.a-b)).

(38) a. # My aunt **gave** my brother some money for new skis, but he didn't receive it.

b. # My aunt **gave** some money to my brother for new skis, but he didn't receive it.

(adaptado de Rappaport-Hovav & Levin, 2008: 146)

(39) a. Max **offered** the victims help, but they refused his offer.

b. Max **offered** help to the victims, but they refused his offer.

(*ibidem*)

Para as autoras, também verbos como *read* e *write* não implicam uma transferência bem sucedida, dado descreverem processos (cf. (40)). “As activity verbs,

none entails caused possession, so when these verbs are found in the dative alternation, successful transfer is not entailed in either variant (...)” (Rappaport-Hovav & Levin, 2008: 148).

- (40) a. The police **read** the detainees’ rights to them, but not a single one was paying attention.
b. The police **read** the detainees their rights, but not a single one was paying attention. (adaptado de Rappaport-Hovav & Levin, 2008: 148)

Através do exposto, é possível perceber que a chamada alternância dativa, no Inglês e noutras línguas germânicas, é sensível ao tipo de verbo. Assim, os verbos do tipo *give*, por exemplo, permitem alternância dativa com OIs animados, mas não permitem, como vimos com entidades [- animadas]. Além disso, as autoras citam um exemplo de Oehrle (1976) que, como vimos, considera que a alternância não é possível com uma expressão de posse inalienável (cf. (41.b)).

- (41) a. The noise **gave** Terry a headache.
b. * The noise **gave** a headache to Terry. (Rappaport-Hovav & Levin, 2008: 131)

Recorde-se ainda o exemplo (8) de Oehrle (*Nixon gave Mailor a book*), em que, na aceção de transferência abstrata, o V só permite a CDO e não a CDP.

Assim, é possível concluir que, para as autoras, o Inglês é uma língua com alternância dativa e que o mais importante a ter em consideração é o significado de cada verbo e os tipos de verbos existentes.

2.2. Português Europeu: uma variante com alternância dativa?

No PE têm sido feitos vários estudos sobre as construções ditransitivas como os de Morais (2006), Costa (2009), Morais e Salles (2010), Brito (2009, 2010, 2014) e Gonçalves (2016), bem como tem sido estudado o estatuto da preposição *a* enquanto verdadeira preposição e enquanto marcadora de caso. Ao contrário do Inglês (que é uma língua que exhibe claramente alternância dativa), a existência de alternância dativa e de construções de duplo objeto não é defendida por todos os linguistas que se têm dedicado ao seu estudo em Português. Com isto, são várias as questões que se colocam: apresentará o PE, tal como o Inglês, uma preposição *a* funcional e outra direcional?; terá o PE duas estruturas básicas distintas ou apenas uma?

2.2.1. Costa (2009)

Costa (2009), baseado na opinião de Belletti & Shlonsky (1995), considera que a ordem V OD OI em PE é a ordem não marcada (cf. (42.a)). O autor considera que se trata de uma ordem não marcada quando toda a predicação é o foco da informação, sendo, em muitas circunstâncias, a ordem V OI OD não esperada (cf. (42.b)).

No entanto, opõe-se à ideia de que esta ordem corresponda a uma ordem de palavras gerada na base pelo simples facto de ser uma ordem não marcada (Costa, 2009: 96). Por outro lado, o PE não apresenta CDO, mas antes uma ordem de constituintes semelhante a esta construção que advém do peso dos constituintes (o constituinte mais pesado desloca-se para o fim da frase) ou que advém de foco informacional.

- (42) O que é que aconteceu?
- a. O João deu uma prenda à Maria.
 - b. # O João deu à Maria uma prenda. (Costa, 2009: 95)

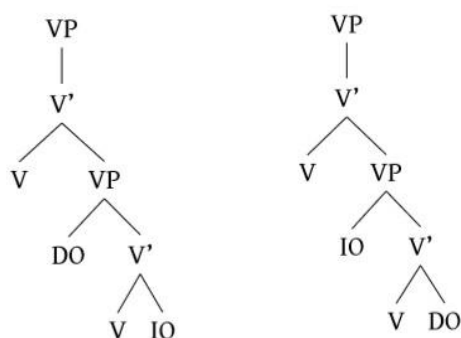
Desenvolvendo argumentação relacionada com a distribuição de expressões referenciais, quantificadas e anafóricas nas construções ditransitivas, Costa (2009)

considera a existência de duas estruturas de base diferentes, sendo que um dos argumentos é o de que os pronomes possessivos são c-comandados pelo seu antecedente quando este é quantificado, sugerindo então que o OD c-comanda o OI na ordem V OD OI e que o OI c-comanda o OD na ordem V OI OD, como os exemplos (43) ilustram (cf. Costa 2009, Brito 2014, Gonçalves 2016):

- (43) a. Entreguei cada_i livro ao seu_i autor.
 b. * Entreguei o seu_i livro a cada_i autor.
 c. Entreguei a cada_i autor o seu_i livro. (Costa 2009: 96)

O PE teria assim duas estruturas diferentes para as construções ditransitivas (cf. (44)):

(44)



Estruturas de Costa (2009), retiradas de Brito (2014: 105)

Por outro lado, Costa (2009) apresenta exemplos de elipse (cf. (45)) e de movimento / “fronting” (cf. (46)) que parecem complicar a análise: assim, se, em (45), a elipse é de V+OD, sugerindo que V e OD formam um constituinte, como na segunda estrutura de (44), já em fenômenos de “fronting”, pode haver movimento de V+OD (46.a), movimento de V+OD+OI (46.b) e até movimento dos três constituintes e de um adjunto (46.c).

- (45) Eu dei livros à Maria e o Pedro [~~deu livros~~] à Ana (Costa, 2009: 97)

- (46) O Pedro queria dar os livros ao Rui ontem.
- a. e [dar os livros] ele deu ao Rui ontem.
 - b. e [dar os livros ao Rui] ele deu ontem.
 - c. e [dar os livros ao Rui ontem] ele deu. (*Ibidem*)

Gonçalves (2016) considera este teste falível e apresenta exemplos que mostram que também o V e o OI também poderiam formar um constituinte (cf. (47) e (48b)).

- (47) Eu dei à Maria livros e o Pedro ~~[deu à Maria]~~ garrafas. (Gonçalves, 2016: 142)

- (48) O Pedro queria dar ao Rui os livros ontem.
- d. e [dar ao Rui] ele deu os livros ontem.
 - e. e [dar ao Rui os livros] ele deu ontem.
 - f. e [dar ao Rui os livros ontem] ele deu. (*Ibidem*)

Voltando a Costa (2009): o autor assume que, no PE, há duas ordens de palavras distintas: a ordem marcada (42.b) e a ordem não marcada (42.a).

Além disso, o autor argumenta a favor de que existem duas estruturas básicas diferentes como as descritas em (44), com base em fenômenos de escopo de quantificadores, distribuição de anáforas e elipse.

No entanto, parece haver alguns contra-argumentos a esta sua segunda proposta, de acordo com Gonçalves (2016).

Por essa razão, este tema deve ainda ser desenvolvido, dado que, até ao momento, têm sido vários os argumentos contra e a favor da existência de duas estruturas básicas no PE.

2.2.2. Morais (2006) e Morais e Salles (2010)

Morais e Salles (2010) – que desenvolvem um trabalho anterior de Morais (2006) – dedicam-se ao estudo da alternância dativa, tomando como ponto de análise a classe de verbos dinâmicos como *dar* e *enviar*, também analisados no primeiro capítulo. Pelo facto de as construções com V OI OD apresentarem algumas semelhanças com a CDO do Inglês, consideram que o PE é uma variante que apresenta uma construção applicativa baixa, semelhante à CDO existente no Inglês. Assim, para as linguistas, o OI existe, no PE, com duas configurações distintas: numa surge como sintagma preposicional (cf. (50.a)), um complemento de uma projeção verbal baixa (na CDP) e noutra como especificador de um nó aplicativo baixo (na CDO) (cf. (50.b)).

- (50) a. O Diogo **enviou** um ramo *à Maria*.
b. O Diogo **enviou** *à Maria* um ramo/ O Diogo **enviou-lhe** um ramo.

O facto de o dativo poder surgir com vários papéis temáticos leva as autoras a discutir a própria noção de verbo ditransitivo e a considerar a existência, no PE, de uma construção applicativa, ou seja, uma construção em que o dativo não é selecionado por V, mas antes aplicado/inserido numa construção que apresenta semelhanças com a CDO do Inglês. Nesse sentido, para as autoras, o PE tem uma construção applicativa baixa, que expressa uma relação de transferência de posse e uma relação de proximidade entre o OD e o OI.

De acordo com as autoras, no PE é possível exprimir o OI de várias formas, como se pode ver pelos exemplos em (51) e como vimos no primeiro capítulo. Na CDO há uma relação de posse e de proximidade entre os dois argumentos do verbo (cf. (51.a-c); contudo, segundo Morais (2006) na CDP esse tipo de relação pode não se verificar, dada a existência de uma preposição que pode ser interpretada como direcional *a/para* (cf. (51.d)).

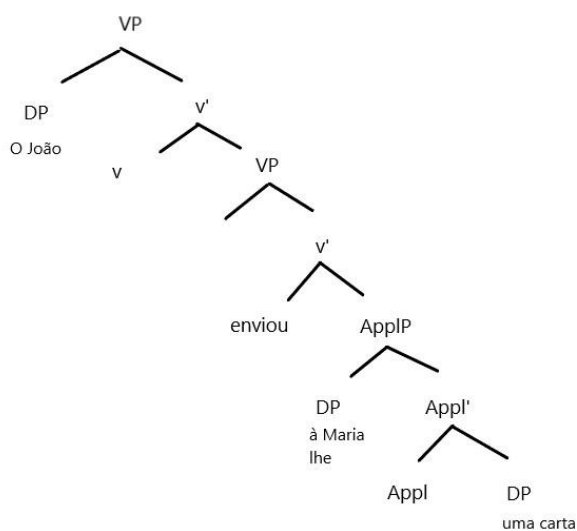
- (51) a. O João **enviou** *à Maria* uma carta.
b. O João **enviou-lhe** uma carta.

- c. O João **enviou-lhe** uma carta *a ela*.
- d. O João **enviou** uma carta *à Maria*.

Segundo as autoras, tanto em (50.b) como em (51.a-b) estamos perante uma CDO, visto que a seguir ao verbo surge o OI sob a forma de SN/pronome clítico, uma expressão com caso dativo e não com uma verdadeira preposição. Já em (c) verifica-se o redobro do clítico, fenómeno que ocorre sobretudo no registo de oralidade do PE. Por seu turno, o exemplo (d) é ambíguo pois *à Maria* tanto pode ser um SN recipiente/beneficiário, em que *a* é marcador de dativo, situação em que é expressa uma transferência de posse; como pode ser um SPrep verdadeiro, o alvo para onde *a carta* se desloca, existindo, neste caso, uma mudança locativa de *a carta* e, portanto, sendo *a* uma preposição e não simplesmente marca de dativo.

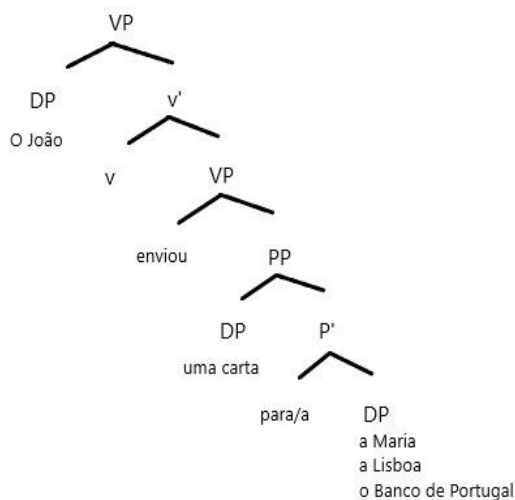
Assim, Morais e Salles (2010) apresentam a estrutura (52) para as frases em que o *a* surge apenas como marca do caso dativo (cf. (51.a-b)) e a estrutura (53) para as frases em que *a* surge como uma verdadeira preposição (cf. (51.d)).

(52)



Estrutura retirada de Brito (2014: 110)

(53)



(*ibidem*)

Assim, como vemos, e de acordo com o que é referido também por Morais (2006: 256), o argumento dativo em (52) é introduzido não pelo VP, mas por um núcleo aplicativo que é inserido na estrutura para essa função. O SN *a Maria* c-comanda o SN *uma carta* e o *a* é apenas marcador de caso. Pelo contrário, em (53) o SN *uma carta* c-comanda o SN precedido de preposição *a Maria* (de forma similar a *a/para Lisboa / ao/ para o Banco de Portugal*) e *a* apresenta-se como uma verdadeira preposição. Com isto, vemos que, para as autoras, *a* pode apresentar dois valores distintos: um em que apenas funciona como marcador de caso (na CDO) e outro em que é uma preposição (na CDP), possível de ser substituída pela preposição *para*.¹⁶

¹⁶É de salientar que Morais e Salles (2010) defendem ainda a existência de alternância dativa no Espanhol, tendo como base autores como Demonte (1995) e Cuervo (2003). De acordo com o que as autoras descrevem, existe CDO no Espanhol se existir redobro do clítico (i) e, à semelhança do que (hipoteticamente) se verifica no PE, nesta construção a preposição é um marcador de caso e na CDP (ii) uma verdadeira preposição. Neste trabalho não apresentaremos esta abordagem à alternância dativa.

(i) Pablo *le* mandó un diccionario a Gabi. (Morais e Salles, 2010: 195)

(ii) Pablo mandó un diccionario a Gabi. (*ibidem*)

In particular, EP shares the fundamental syntactic properties of Spanish DOC: IO is structurally higher than the theme DO. The surface word order DO-IO is obtained under movement of the direct object to SpecvP, due to an EPP feature on the head v*. The dative argument is inert to Agree relations with v*, due to its status as an inherently Case marked DP.

(Morais e Salles, 2010: 199-200)

Apesar de Morais e Salles (2010) considerarem que o PE possui CDO (enquanto construção aplicativa) devido à relação assimétrica que se estabelece entre os constituintes apresentados, o teste da passiva dativa parece provar o contrário, uma vez que o PE não exhibe passivas dativas (cf. (54.b)), diferentemente do que acontece em Inglês (cf. (55.b)).

- (54) a. A professora deu à Laura um livro.
b. *A Laura foi dado um livro pela professora.
c. Um livro foi dado à Laura pela professora (passiva acusativa).

- (55) a. The teacher gave Laura a book.
b. Laura was given a book by the teacher.
c. * A book was given Laura (passiva acusativa).

2.2.3. Brito (2014)

Para a autora, o PE exprime o dativo de duas formas distintas: uma forma não marcada (cf. (56)) e uma forma marcada (cf. (57)), sendo que apenas a primeira pode ocorrer depois da interrogação sobre o OI (cf. (58)).

- (56) A Maria **deu** um livro *ao João*. (V OD OI)
(57) A Maria **deu** *ao João* o livro. (V OI OD)
(58) A quem é que a Maria **deu** um livro? (Brito, 2014: 104)

Além disso, o PE permite exprimir o OI com o clítico dativo *lhe* (cf. (59)) mas não redobrado com SN (cf. (60)).

- (59) a. A Maria **deu-lhe** um livro.
b. A Maria **deu-lhe** um livro a ele.

- (60) * A Maria **deu-lhe** um livro *ao João*. (Brito, 2014: 105)

Partindo de Costa (2009) e de fenómenos de anáfora, ligação e eclipse, Brito (2014) defende que o PE tem duas estruturas para as construções ditransitivas, embora afirme que o PE, como todas as línguas românicas, não apresenta alternância dativa como o Inglês e expõe alguns testes para o provar. Um dos mais importantes é, como vimos, o facto de o PE não apresentar passivas dativas (cf. (61.a)), ao contrário do Inglês (cf. (61.b)) e de outras línguas com alternância dativa, mas apenas uma passiva que corresponde à ordem subjacente SU V OD OI (cf. (62)). Além disso, a autora reforça a ideia de que a alternância dativa está inteiramente relacionada com verbos ditransitivos, logo considerar a existência de um OI aplicado seria considerá-lo como não argumental e isso colocaria em causa a ditransitividade dos verbos.

- (61) a.* A Maria foi dada um livro pelo João.
b. Mary was given a book by John.

- (62) O presente foi dado à Maria/um presente foi-lhe dado (pela mãe).
À Maria foi dado um presente pela mãe. (Brito, 2014: 115)

Como vimos, para Morais e Salles (2010), o PE teria alternância dativa por apresentar duas construções, uma construção applicativa (semelhante à CDO) e outra que é uma CDP. Portanto, para as autoras, numa frase como a presente em (63) *a* teria duplo

estatuto: um como marcador de caso dativo (situação semelhante com o clítico) e outro como uma verdadeira preposição, equivalente a *para* em (64)¹⁷.

(63) O João **enviou** uma carta *à Maria/enviou-lhe* uma carta. (Morais & Salles, 2010: 186)

(64) O João **enviou** uma carta *à Maria/para a Maria/para Lisboa/ao Banco de Portugal*.

Contudo, Brito (2014) questiona se, de facto, estaremos perante duas interpretações, ou se uma expressão como *à Maria* e o clítico *lhe* são semelhantes. Para chegar a uma conclusão, Brito (2014) expõe variantes distintas da construção ditransitiva, com o V *enviar* (cf. (65)), visando perceber se o significado de transferência pode ou não ser cancelado em cada uma delas e verifica que este pode ser realmente cancelado em todas as expressões. Nesse sentido, conclui que *à Maria* e o clítico *lhe* possuem o mesmo significado enquanto alvo/recipiente e que a preposição *a* parece, em todos os casos, ser marcador do caso dativo. Além disso, também conclui que *a*, como marcador de caso dativo, não apresenta o mesmo valor de *para* (verdadeira preposição), podendo até ambas ocorrer em simultâneo (cf. (66)). De facto, na análise da autora, ao contrário da proposta apresentada por Moraes e Salles (2010), o *a* presente quer em “O José enviou uma carta *à Maria*” quer em “O José enviou *à Maria* uma carta” desempenha a mesma função de preposição deficitária/marcador de caso dativo.

- (65) a. O José **enviou** uma carta *à Maria* (mas ela não recebeu).
b. O José **enviou** *à Maria* uma carta (mas ela não recebeu).
c. O José **enviou-lhe** uma carta (mas ela não a recebeu).
d. O José **enviou-lhe** uma carta *a ela* (mas ela não a recebeu).

¹⁷ Brito (2014) expõe ainda uma outra abordagem à alternância dativa defendida por autores como Marantz (1993), Pykkänen (2001) e Cuervo (2003). Para estes autores, não há verdadeiros argumentos internos com a função de OI pois não existe verdadeiramente ditransitividade (Cuervo, 2003) e, por isso, o OI é sempre não argumental acrescentado/aplicado.

e. O José **enviou-lhea** *ela* uma carta (mas ela não a recebeu).

(Brito, 2014: 111)

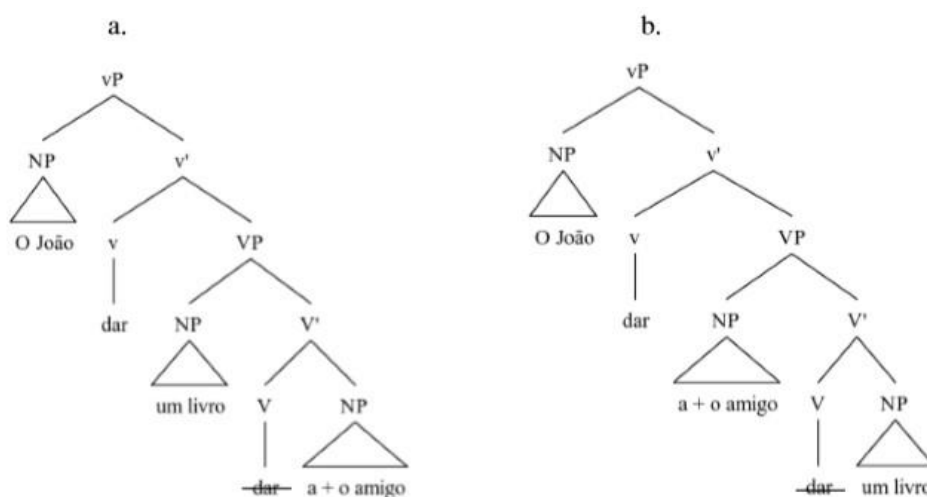
(66) O José **comprou** um vestido *à* vendedora *para* o bebé.

(*ibidem*)

Por conseguinte, a autora considera todas as expressões sinónimas e recusa a noção de um OI aplicado, quando presentes verdadeiros verbos ditransitivos, como *enviar*.

Assim, Brito (2014) refere que considerar a existência de duas estruturas básicas no PE devido às diferenças de significado entre as variantes não é um bom argumento; a existirem diferenças, elas estariam relacionadas com o próprio significado do V *enviar* e não com as variantes das construções ditransitivas. Nesse sentido, a autora vai propor, como Costa (2009), e baseada em fenómenos de anáfora, de ligação e de elipse, como já referido, a existência de duas estruturas básicas para as construções ditransitivas (67).

(67)



(adaptado de Brito 2014: 107; 112)

Estruturas retiradas de Gonçalves (2016: 140)

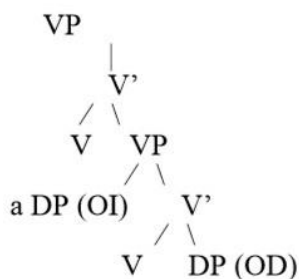
Brito (2014), retomando Duarte (2003), refere ainda que, quando existe um OD pesado numa frase com verbos ditransitivos, a ordem dos constituintes é V OI OD, dado que a resposta à interrogativa-Q com foco no OI só poderia ser a presente em (68.a) e não a de (68.b). Nesse sentido, a ordem V OI OD seria uma ordem básica e não derivada. A autora também mostra como as expressões idiomáticas permitem as duas ordens de palavras (cf. (69)).

- (68) A quem é que a Maria disse que vai sair?
 a. A Maria disse ao João que vai sair.
 b. ?? A Maria disse que vai sair ao João. (adaptado de Brito, 2014: 111)

- (69) a. Dá honra a quem não a tem.
 b. Dar a Deus o que o Diabo não quis. (adaptado de Brito, 2014: 112)

Com base nos exemplos em (68), Brito (2014), defende como a ordem V OI OD pode ser uma ordem básica no Português e, por isso, apresenta uma estrutura (70), em que o OI surge como especificador do VP mais baixo e o OD como complemento do verbo. Adiante, no próximo capítulo, analisaremos melhor a possibilidade de ocorrência das duas ordens de constituintes nas expressões idiomáticas.

(70)



Estrutura retirada de Brito (2014: 112)

Gonçalves (2016), que analisa criticamente o artigo de Brito (2014), opõe-se a Costa (2009) e Brito (2014), considerando que no PE diferentes ordens de palavras não justificam diferentes estruturas. Um dos argumentos utilizados por Gonçalves (2016) é o de que, ao considerar-se a existência de duas estruturas derivadas de forma independente, não seria possível perceber a agramaticalidade de exemplos como (71.c), que se distinguem de (71.a-b) por estes serem exemplos gramaticais do redobro do clítico.

- (71) a. Os professores ofereceram-lhes gelados a eles.
b. Os professores ofereceram-lhes gelados a todos.
c. * Os professores ofereceram-lhe livros ao João/ao rapaz.

(adaptado de Brito, Duarte & Matos 2003: 832 *apud* Gonçalves 2016: 144)

Por outro lado, considera igualmente que o PE não exhibe CDO, recorrendo à passivização de forma a mostrar que a CDO do Inglês não é igual à possível CDO do PE: de facto, a CDO no Inglês permite a passiva dativa (cf. (72.b), ao contrário do que acontece em PE (cf. (72.a)).

No PE é possível a ocorrência de passiva acusativa (cf. (73.b)), o que não se verifica no Inglês (cf. (74.b)):

- (72) a.* O Pedro foi dado o livro (pelo João). (adaptado de Gonçalves, 2016: 76)
b. John was given a book.

- (73) A administração pagou o subsídio de férias aos empregados.
a. * Os operários foram finalmente pagos o subsídio de férias pela administração.
b. O subsídio de férias foi finalmente pago aos operários pela administração. (adaptado de Gonçalves, 2016: 76)

- (74) a. John gave Mary a book.
b.* A book was given Mary.
c. Mary was given a book. (Gonçalves, 2016: 75)

Em síntese, embora Brito (2014) se demarque da perspectiva de Morais e Salles (2010) em muitos aspetos, acaba por adotar um tratamento das construções ditransitivas segundo o qual existem duas estruturas básicas subjacentes, posição que é discutível de vários pontos de vista: o PE não tem passivas dativas e tem duas ordens distintas nas construções ditransitivas, que se podem explicar por diferenças de estatuto informacional dos constituintes.

2.3. Sumário

Neste capítulo sobre a alternância dativa, preocupámo-nos em apresentar e caracterizar este fenómeno no Inglês e em expressar a visão de alguns autores sobre a possibilidade de existência desse fenómeno no PE.

No caso do Inglês, averiguámos as propostas de análise de Oehrle (1976), Larson (1988) e Rappaport-Hovav & Levin (2008) e comparámo-las. Vimos como Oehrle (1976) retomou estudos anteriores sobre a alternância dativa e se revelou importante ao atribuir um maior destaque à análise lexical, argumentando que a alternância dativa não pode ser analisada somente de um ponto de vista sintático, mas antes como uma relação entre a sintaxe e o léxico. Por isso, vimos algumas restrições lexicais e semânticas neste fenómeno, no Inglês.

Em seguida, verificámos que apesar de, também para Larson (1988: 369), existirem algumas restrições lexicais na alternância dativa, o principal objetivo do autor é mostrar que há sinais de que a alternância dativa é um fenómeno derivacional, segundo o qual uma estrutura deriva de uma outra estrutura. Por fim, vimos como Rappaport-Hovav & Levin (2008) retomam, de uma certa forma, Oehrle (1976) e recorrem a uma análise sobretudo lexical, centrando-se no estudo das classes de verbos,

de forma a concluir quais os que podem ocorrer nas duas construções (CDP e CDO) ou apenas numa delas. Além disso, vimos que um dos pontos mais importantes a ter em consideração na abordagem destas autoras é a distinção entre *non-core dative verbs* e de *core dative verbs*.

Em relação ao PE, referimos argumentos apresentados por vários autores para a (não) existência de alternância dativa, no sentido da que o Inglês apresenta. Mostrámos que Costa (2009) e Brito (2014) partilham uma visão muito semelhante em que o PE não apresenta alternância dativa, mas terá duas estruturas basicamente engendradas; e que Morais (2006) e Morais e Salles (2010) consideram que o PE tem uma construção applicativa baixa, parecida com a CDO, e uma construção preposicional.

Como pudemos verificar, os fenómenos de peso podem influenciar a ordem de palavras nas frases, mas tal parece não justificar duas estruturas basicamente engendradas.

No próximo capítulo, dedicamo-nos ao estudo e análise das expressões idiomáticas ditransitivas para tentar perceber se tais expressões nos fornecem pistas acerca da estrutura das construções ditransitivas e da ordem dos constituintes.

Capítulo 3 – Os verbos ditransitivos e as expressões idiomáticas em Inglês e em Português Europeu

Como foi dito no final do capítulo anterior, as expressões idiomáticas com verbos ditransitivos talvez possam tornar mais claros os fatores que condicionam a ordem dos constituintes, bem como da estrutura das próprias construções ditransitivas. Rappaport-Hovav & Levin (2008: 152) definem as expressões idiomáticas no Inglês, referindo que “an idiom is a type of fixed verb-argument combination with a nonliteral meaning.” Em relação ao PE, Vilela (2002) considera, igualmente, que:

(...) a definição mais comum de expressão idiomática ou de idiomatismo é dada como a sequência que não pode ser traduzida literalmente para outra língua, isto é, não é possível a tradução palavra por palavra, sem que essa expressão não tenha qualquer restrição, nem no plano sintático nem no plano semântico (o sentido não é composicional, não é transparente, mas sim opaco).

(Vilela, 2002: 176)

No Inglês, autores como Bruening (2010) e Larson (2014) têm-se dedicado ao estudo das expressões idiomáticas com verbos ditransitivos, sobretudo no que diz respeito à ordem predominante dos constituintes e ao tipo de construção (CDP e CDO). No PE, a ordem dos constituintes nas expressões idiomáticas tem sido igualmente referida por Costa (2009) e Brito (2014, 2015).

Assim, com este capítulo, pretendemos abordar esta temática, no Inglês e no PE. No que se refere ao Inglês, estudaremos qual a ordem de constituintes predominante com o verbo *to give* e qual a combinação de constituintes que contém a idiomatidade. No que diz respeito ao PE, analisaremos se as alterações da ordem são justificadas por fatores de peso/caráter complexo dos constituintes (OD ou OI); verificaremos qual a natureza da seleção (sintática e semântica) que está na base das expressões idiomáticas (V NP; V NP PP; ou V PP); investigaremos se há verdadeiramente uma construção ditransitiva V OD OI; e tentaremos perceber se, na presença dos dois constituintes pesados, a ordem V NP PP se mantém ou se, pelo contrário, predomina a ordem V PP

NP. Decidimos apenas analisar expressões com o verbo *to give*, em Inglês, e *dar*, em Português, por se tratar dos verbos prototípicos das expressões ditransitivas.

3.1. Qual a construção preferencial das expressões idiomáticas em Inglês? CDP ou CDO?

A ordem de constituintes nas expressões idiomáticas com verbos ditransitivos é ainda um ponto de grande controvérsia, dado que, para alguns autores, as expressões idiomáticas que ocorrem na CDP não podem ocorrer na CDO nem em conjunto com a CDO, a não ser que influenciadas pelo peso dos constituintes. Pelo contrário, outros autores não relacionam nenhuma das alternativas com as expressões idiomáticas. Por questões de limite de espaço, apenas nos referiremos às opiniões de Bruening (2010) e de Larson (2014) sobre esta questão.

Bruening (2010) analisa, no seu artigo, as propriedades necessárias para que uma determinada expressão seja considerada idiomática. Segundo o autor, uma expressão não pode ser idiomática se incluir apenas o sujeito e o verbo e excluir o objeto do verbo; uma expressão idiomática terá sempre de incluir o verbo e o seu objeto. O autor menciona alguns exemplos (cf. (1)), apontando que em todos eles a expressão idiomática é apenas *pull strings*. Com isto, o linguista conclui que os determinantes não são parte integrante da expressão idiomática, mas unicamente os nomes. Nesse sentido, Bruening (2010) conclui que todas as expressões idiomáticas devem ser constituídas por verbo mais o objeto.

- (1) a. *Pull some discreet strings.*
- b. *Pull a few strings.*
- c. *Pull yet more strings.* (Bruening, 2010: 533)

Mencionando um exemplo de Numberg, Sag & Watson (1994, *apud* Bruening, 2010) que, segundo estes autores, é uma expressão idiomática composta pelo sujeito e

pelo verbo, Bruening (2010) mostra que a expressão idiomática é composta pelo sujeito e não pelo sujeito e verbo (cf. (2)), porque, além do verbo não ser idiomático, outros verbos podem ocorrer com a expressão *a little bird* (cf. (3)).

(2) A little bird told me. (Bruening, 2010: 533)

(3) a. A little bird whispered/e-mailed it to me.

b. A little bird is broadcasting that.

c. I heard it from a little bird. (*ibidem*)

Em seguida, Bruening (2010) analisa a importância de categorias como os modificadores, os advérbios, o genitivo e as preposições na formação de uma expressão idiomática, considerando que o que se verifica com os modificadores adjetivais como *hot* em (*be*) *in hot water* é que N (*water*) projeta e não o adjetivo (*hot*), como seria de esperar. O mesmo se verifica com os advérbios/expressões adverbiais, que, apesar de selecionarem argumentos verbais, não os projetam. Em (4.a), está presente um verbo (*strike*) e uma expressão adverbial (*while the iron is hot*) que compõem a expressão idiomática, sendo que não é permitida a adição de qualquer argumento ao verbo, como se revela pela agramaticalidade de (4.b).

(4) a. Strike while the iron is hot.

b. * You've got to strike him/it while the iron is hot. (Bruening, 2010: 534)

No que se refere à presença de genitivos como *the devil* em *play the devil's advocate* o autor conclui que apenas se trata de uma expressão idiomática se a expressão genitiva for selecionada, como é o caso, visto que *play* seleciona *the devil's advocate* e o nome *advocate* seleciona o genitivo *the devil*. Por fim, em relação às preposições, o linguista aponta, baseado em O'Grady (1998, *apud* Bruening, 2010), que estas devem integrar a expressão idiomática, porque, ao contrário das expressões não idiomáticas

(nas quais os verbos podem ocorrer com várias preposições), nas expressões idiomáticas os verbos ocorrem com uma preposição fixa (cf. (5)):

- (5) a. Build a fire under X.
b. Throw the book at X. (Bruening, 2010: 535)

Feitas estas considerações iniciais sobre a formação de expressões idiomáticas, Bruening (2010) aborda os padrões ditransitivos que estão na base das expressões idiomáticas no Inglês, considerando a existência de dois grupos diferentes: um grupo com expressões idiomáticas ditransitivas fixas (geralmente, não alternam) e outro com alternância dativa. No primeiro grupo, o autor apresenta 4 classes de expressões ditransitivas que não alternam:

➤ **Classe 1: Verb NP NP** (do tipo *give X the creeps*)

Nesta classe, a expressão idiomática é formada pelo verbo e o seu objeto (tema). Por se tratar de CDO, a ordem de constituintes em todos os exemplos apresentados pelo autor é V NP_{OI} NP_{OD} (cf. (6)). Além dos exemplos expostos, Bruening (2010) apresenta ainda a expressão *give NP a headache*, mas não a considera como idiomática, uma vez que quer o verbo quer a expressão *a headache* podem ser interpretadas no seu sentido usual. Assim, dá os seguintes exemplos¹⁸:

- (6) a. Give NP the boot (dar um pontapé no sentido de despedir / mandar embora).
b. Give NP the sack (despedir alguém do trabalho / de alguma tarefa).
c. Give NP the creeps (dar a alguém arrepios).
d. Give NP pause (fazer alguém parar para pensar cuidadosamente sobre algo).
e. Give NP a piece of one's mind (dar a alguém uma opinião honesta).
f. Promise NP the moon (prometer a alguém a lua). (Bruening, 2010: 537)

¹⁸ Nos exemplos seguintes, traduzimos de maneira informal as expressões idiomáticas do Inglês.

Embora algumas destas expressões possam alternar, o linguista recorre ao teste da passiva dativa para declarar que não se trata verdadeiramente de expressões idiomáticas, visto que estas não podem ocorrer na passiva dativa e permanecer com o sentido idiomático (cf. (7)).

- (7) a. * The creeps were given to him.
b. * A piece of your mind should be given to him.
c. * The boot was given to him.
d. * The moon was promised to him. (Bruening, 2010: 539)

Da mesma forma, as expressões que sofrem alternância podem apresentar uma inversão locativa (cf. (8)), o que não se verifica com as que não alternam (cf. (9)), onde reencontramos algumas das expressões apontadas em (6).

- (8) a. To the ministers should be read the proverbial riot act.
b. To the accident victims was lent a sympathetic ear.
(Bruening, 2010: 539)

- (9) a.* To people who enter this room are given headaches.
b.* To people who hate the spiders are given the creeps.
c.* To the umpires will be given a piece of mind.
(*ibidem*)

➤ **Classe 2: Verb NP to NP**

Segundo o autor, esta classe envolve o V e o NP (tema), excluindo “to NP” e é uma classe que apresenta muito poucas expressões. Veja-se (11).

- (11) a. Give it to NP.
b. Give rise to NP. (Bruening, 2010: 540)

➤ **Classe 3: Verb NP to NP**

Nesta classe, ao contrário do que se verifica na classe 2, a expressão idiomática é unicamente composta pelo V e por “to NP” (cf. (12)). Bruening (2010) considera que não há possibilidade de alternância nesta classe, uma vez que o V seleciona P e os seus complementos. Se a CDO fosse possível, o NP2 (nesta classe o complemento de P) seria selecionado por Appl e não por P, o que tornaria as expressões agramaticais. Compare-se com a classe 4.

- (12) a. Send NP to the showers (expulsar alguém de um jogo por mau comportamento).
b. Throw NP to the wolves (atirar alguém para os lobos).
c. Take NP to the cleaners (trair alguém numa situação de jogo para ficar com muito dinheiro).
d. Take NP to task (reprender alguém pelos seus erros).
e. Feed NP to the lions (prejudicar alguém para seu próprio benefício).

(Bruening, 2010: 544)

➤ **Classe 4 (Nonexistent): V NP NP**

Não há expressões idiomáticas a integrarem esta classe. Os exemplos apresentados em (13) mostram como seriam as expressões nesta classe, se existissem.

- (13) a. * Give the wolves NP.
b. * Send the devil NP.
c. * Throw the lions NP. (Bruening, 2010: 545)

No que se refere ao segundo grupo, Bruening (2010: 536) apresenta duas classes. A primeira é a das expressões idiomáticas em que há alternância dativa:

➤ **Alternating 1~2:** Verb NP NP ~ Verb NP to NP

De acordo com o linguista, há um elevado número de expressões nesta classe: umas em que tanto a CDO como a CDP apresentam igual sentido, mas outras em que a CDP parece ser preferencial. Por exemplo, em (14) estão presentes expressões que são igualmente aceitáveis nas duas construções, mas em (15) o mesmo não se verifica. Veremos adiante que a análise de Larson (2014) se opõe à de Bruening (2010) relativamente a este aspeto.

(14) Throw NP a bone. ~ throw a bone to NP (dar a alguém algo sem grande importância/ fazer a alguém um favor).

Read NP the riot act ~ read the riot act to NP (repreender alguém de forma severa).

Lend NP a hand ~ lend a hand to NP (ajudar alguém). (Bruening, 2010: 541)

(15) Give a lie to NP (preferred) ~ give NP the lie. (mostrar que algo não é verdade)

Give birth to NP (preferred) ~ give NP birth. (dar à luz alguém)

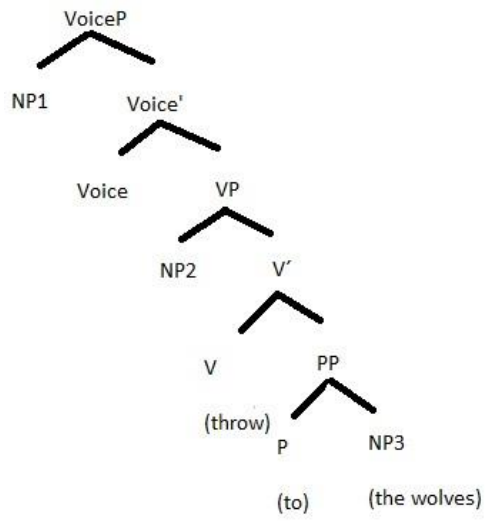
Give way to NP (preferred) ~ give NP way. (ceder/ dar prioridade a alguém)

(*ibidem*)

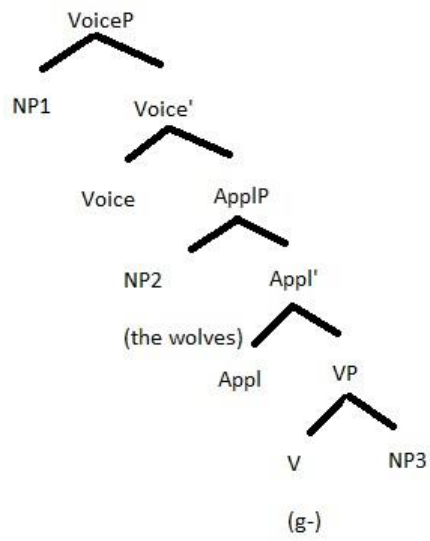
➤ **Alternating 3~4 (Nonexistent):** V NP NP ~ Verb NP to NP

Este tipo de classe não existe, pois a classe 3, cuja estrutura Bruening (2010) descreve em (16), não pode alternar com uma classe não existente como a classe 4 (cf. (17)). Enquanto na classe 3 o NP3 é selecionado pela preposição *to*, na classe 4 teria de ser selecionado por Appl. Segundo o autor, não há partilha de constituintes que possam alternar, dado que as duas estruturas são muito diferentes.

(16)



(17)



Estruturas retiradas de (Bruening, 2010: 544-545)

Quer dizer, para Bruening (2010), as expressões idiomáticas no Inglês que contêm verbos ditransitivos envolvem o objeto, embora haja diferentes padrões de ordem. Pode haver diferentes subclasses de expressões idiomáticas, mas, segundo o autor, algumas construções preposicionais são CDO disfarçadas e nunca há verdadeiramente o padrão V NP_{OI} NP_{OD} na base de uma expressão idiomática.

Para o linguista, as expressões idiomáticas são um argumento a favor de que, por detrás da alternância dativa no Inglês, há duas construções básicas distintas e assimétricas: uma com uma verdadeira preposição e outra com um nó aplicativo.

Também Larson (2014) se dedica ao estudo das expressões idiomáticas, dividindo-as em dois grupos: “Oblique Give Idioms” (a que temos vindo a chamar CDP) e “Double Object Give Idioms” (a que temos vindo a chamar CDO).

O linguista refere que a CDP e a CDO têm sido entendidas como duas estruturas distintas basicamente engendradas, dado que, para vários autores, uma implica *caused motion* e a outra *caused possession*. No entanto, Larson (2014) retoma o tratamento de Rappaport-Hovav & Levin (2008) e refere como, para as autoras, a CDP de verbos como *send* e *throw* pode também expressar *caused possession*. Ora isto leva Larson a questionar-se sobre os motivos que sustentam essa diferenciação. O autor apresenta alguns exemplos, retirados de Green (1974: 179), de expressões idiomáticas com os verbos *send*, *take* e *throw*, que não possibilitam a CDO e que só permitem a CDP (cf. (18)) e conclui que não se trata verdadeiramente de expressões idiomáticas com um sentido de *caused possession*, existindo apenas uma mudança de localização e não um recipiente capaz de receber o tema. Assim, exclui estes exemplos da sua análise e analisa apenas expressões idiomáticas com o verbo *to give*.

- (18) a. Lasorda **sent** his starting pitcher **to the showers**.
(cf. *Lasorda sent the showers his starting pitcher.)
- b. Felix **threw** Oscar **to the wolves**.
(cf. *Felix threw the wolves Oscar.) (Larson, 2014: 47)

Larson (2014) vai, como referido, centrar-se nas expressões idiomáticas com o verbo *to give* e começa por apresentar um grupo de “Oblique Give Idioms”, procurando expressões idiomáticas em que V + PP constituam a idiomaticidade: “If we could find distinct idioms corresponding to the two structures involved, this would provide powerful support for the view that those structures are independently required (...)” (Larson, 2014: 47).

Se retomarmos a análise anterior, percebemos que Bruening (2010), que menciona o exemplo (19.a.i-ii) como pertencente ao grupo *Alternating I~2*, não considera (19.a.ii) agramatical, mas como menos preferencial. Por seu turno, Larson (2014) considera este exemplo como agramatical, argumentando que não é possível separar o verbo do nome (*V give...birth*), uma vez que este surge em adjacência, o que impossibilita a CDO. Por conseguinte, Larson (2014), considera que não existem “Oblique Give Idioms” em que V e PP constituam a expressão idiomática, dado nos exemplos apresentados existir sempre um verbo e um nome em adjacência verbal e não V + PP, levando-o então a descartar estes exemplos do grupo de expressões idiomáticas. Além disso, o autor considera que estas expressões têm significado composicional.

- (19) a. i. Sarah *gave birth* to a son.
ii. * Sarah *gave* a son *birth*.
- b. i. Activism *gave way* to apathy.
ii. * Activism *gave* apathy *way*. (Larson, 2014: 48)

No segundo grupo, “Double Object Give Idioms”, Larson (2014) expõe alguns exemplos de expressões (cf. (20)) de forma a verificar se se trata ou não de expressões idiomáticas.

- (20) a. i. John *gave* a Mary *a strange feeling/the creeps*.
(O João deu à Maria uma sensação estranha/arrepios.)
ii. ?* John *gave* a *strange feeling/the creeps* to Mary.
(O João deu uma sensação estranha/arrepios à Maria.)

- b. i. John *gave* Mary *flak*.
(O João deu à Maria críticas.)
- ii. ?* John *gave flak* to Mary.
(O João deu críticas à Maria.)

- c. i. John *gave* Mary *a new idea/a ride*.
(O João deu à Maria uma nova ideia.)
- ii. ?* John *gave a new idea/a ride* to Mary.
(O João deu uma nova ideia à Maria.)

(adaptado de Larson, 2014: 50)

O linguista considera que só podem ser consideradas expressões idiomáticas aquelas que não forem composicionais, isto é, que não possam ser divididas em partes com significados diferentes, referindo que algumas expressões por si apresentadas, embora possam ter adquirido um significado não literal e sejam consideradas por muitos gramáticos e linguistas “idioms” no Inglês, são expressões composicionais. Para tal, o linguista apresenta adaptações dos exemplos referidos em (20) (cf. (21)).

- (21) a. The Count *gave* me *the creeps*.
- b. John *gave* Mary *flak* (*about/during the presentation*)
- c. Alice *gave* a *piece of her mind*. (adaptado de Larson, 2014: 52)

E apresenta a seguinte regra informal de composição de forma a descrever o significado de causa de posse (“cause-possession”) envolvido em *give* e os seus dois argumentos: “[_{VP} *give* DP₁ DP₂] → ‘cause DP₁ to have/ get DP₂’.” (Larson, 2014: 51) A isto acrescenta: “Again assume that *give*, in both its double object and oblique forms, means ‘cause to possess/ receive’, where what’s possessed or received may include physical or psychological states, actions, gestures, communications, and so on.” (Larson, 2014: 52)

Quer dizer, Larson considera que cada uma das expressões em (21) é composicional (por isso não idiomática), visto que pode ser dividida em partes que apresentam significados diferentes, como por exemplo (21.a), cujo significado para *gave me the creeps* é “caused me to have a feeling of apprehension or horror” (Larson, 2014). Além disso, outro dos argumentos apresentados por Larson é o de que em verdadeiras expressões idiomáticas as partes não podem ser substituídas, ainda que por elementos semelhantes, o que não se verifica em (21.a), por exemplo, que permite essas substituições (cf. (22)).

- (22) The Count *gives* me *the creeps/ the willies/ the shivers/ the shakes/ the chills/ the jitters/ goosebumps/ gooseflesh/ the fits/ the heebee-jeebies/ the screamin’meemies*. [O Conde dá-me arrepios / nervosismo / arrepios / tremores / calafrios / nervosismo / arrepios / arrepios / ataques de nervosismo / arrepios].

(Larson, 2014: 53)

Posto isto, Larson (2014: 54) conclui que os exemplos expostos não constituem verdadeiramente expressões idiomáticas na CDO, o que leva o autor a considerar que não existem expressões idiomáticas com *give* no sentido de “causar a posse de” nem na CDP nem na CDO e, portanto, este tipo de expressões não fornece evidência de duas estruturas separadas.

No entanto, Green (1974), por si citada, menciona alguns contextos nos quais a construção oblíqua parece ser aceite. Um desses contextos é quando o constituinte oblíquo é complexo e, por isso, é pesado (cf. (23)).

- (23) a. We **gave** the peace sign [to all of the Americans soldiers we saw].
b. They **gave** an idea [to all of us who had read the assignments faithfully].
c. We **gave** a ride [to each of the crying. Ragged, long-neglected children].

(Green, 1974: 176 *apud* Larson, 2014: 55)

O Inglês é, com efeito, uma língua que move os constituintes mais pesados para o final da frase e o que se verifica com os exemplos de (23) é que o inverso tornaria as expressões idiomáticas em CDO (cf. (24)) e não em CDP. Ao contrário do que se verifica com a CDP, na CDO o *heavy NP* não pode surgir no final da frase pois isso torná-la-ia agramatical (cf. (25)). Nesse sentido, Larson (2014), assim como Green (1974), conclui que a CDP está disponível sempre que a CDO se apresenta desfavorecida, como em (24) versus (25).

- (24) a. We **gave** [all of the Americans soldiers we saw] **the peace sign**.
b. They **gave** [all of us who had read the assignments faithfully] **an idea**.
c. We **gave** [each of the crying Ragged, long-neglected children] **a ride**.

(Green, 1974: 174-175, *apud* Larson, 2014: 56)

- (25) a. * We **gave the piece sign** [all of the American soldiers we saw].
b. * They **gave an idea** [all of us who had read the assignments faithfully].
c. * We **gave a ride** [each of the crying Ragged, long-neglected children].

(Green, 1974 :175, *apud* Larson, 2014: 56)

Através do exposto, podemos verificar que, para Larson (2014), há muito menos expressões idiomáticas no Inglês do que normalmente é considerado e que há algumas expressões idiomáticas preposicionais, quando a CDO é desfavorecida, sendo a natureza pesada do NP o fator principal que regula os dois padrões. Assim, o linguista concluiu que tudo isto parece favorecer um tratamento derivacional da alternância dativa no Inglês, enquanto para Bruening (2010), as expressões idiomáticas são, pelo contrário, um argumento a favor de que, por detrás da alternância dativa, no Inglês, há duas construções básicas distintas e assimétricas: uma com uma verdadeira preposição e outra com um nó aplicativo.

3.1.1. Análise de algumas expressões idiomáticas no Inglês com o verbo *to give*

Analisaremos agora um conjunto de expressões idiomáticas, em Inglês, com o verbo *to give*, retiradas do *The Free Dictionary*, de forma a verificarmos qual a construção em que estas surgem mais frequentemente (CDP ou CDO) e o que é verdadeiramente idiomático.

- (26) [Give] [someone] [a black eye] (por extensão, baixar a reputação a alguém) (CDO)

V NP_{oi} NP_{od}

[\[https://idioms.thefreedictionary.com/give+someone+a+black+eye\]](https://idioms.thefreedictionary.com/give+someone+a+black+eye)

- (27) [Give] [someone] [their head] (deixar alguém fazer o que pretende) (CDO)

V NP_{oi} NP_{od}

[\[https://idioms.thefreedictionary.com/give+someone+their+head\]](https://idioms.thefreedictionary.com/give+someone+their+head)

- (28) [Give] [(one)] [something to think about] (dirigir-se a alguém com raiva/ameaçar)

V NP_{oi} NP_{od} (CDO)

[\[https://idioms.thefreedictionary.com/give+\(one\)+something+to+think+about\]](https://idioms.thefreedictionary.com/give+(one)+something+to+think+about)

- (29) [Give] [(one)] [the silent treatment] (evitar falar com alguém) (CDO)

V NP_{oi} NP_{od}

[\[https://idioms.thefreedictionary.com/give+\(one\)+the+silent+treatment\]](https://idioms.thefreedictionary.com/give+(one)+the+silent+treatment)

- (30) [Give] [(oneself or someone)] [a pat on the back] (CDO)

V NP_{oi} NP_{od}

(dar [a alguém] uma palmadinha nas costas)

[\[https://idioms.thefreedictionary.com/give+\(oneself+or+someone\)+a+pat+on+the+back\]](https://idioms.thefreedictionary.com/give+(oneself+or+someone)+a+pat+on+the+back)

- (31) [Give] [(someone or something)] [the benefit of the doubt] (CDO)
 V NP_{oi} NP_{od}
 (dar [a alguém] o benefício da dúvida)
[\[https://idioms.thefreedictionary.com/give+\(someone+or+something\)+the+benefit+of+the+doubt\]](https://idioms.thefreedictionary.com/give+(someone+or+something)+the+benefit+of+the+doubt)
- (32) [Give] [somebody] [a piece of your mind] (CDO)
 V NP_{oi} NP_{od}
 (Expressar-se para alguém/ dizer-se o que se pensa)
[\[https://idioms.thefreedictionary.com/give+somebody+a+piece+of+your+mind\]](https://idioms.thefreedictionary.com/give+somebody+a+piece+of+your+mind)
- (33) [Give] [credit] [to (someone)] (dar reconhecimento/ créditos a alguém) (CDP)
 V NP_{od} NP_{oi}
[\[https://idioms.thefreedictionary.com/give+credit+to+\(someone\)\]](https://idioms.thefreedictionary.com/give+credit+to+(someone))
- (34) [Give] [shape] [to (something)] (dar forma a alguma coisa) (CDP)
 V NP_{od} NP_{oi}
[\[https://idioms.thefreedictionary.com/give+shape+to+\(something\)\]](https://idioms.thefreedictionary.com/give+shape+to+(something))

A partir dos exemplos e da análise proposta acima, vemos que a CDO domina as expressões idiomáticas apresentadas, mas que é apenas a combinação V NP (tema) que é idiomática pois o NP (recipiente/alvo) pode até variar/ser substituído.

Tal como vimos, Larson (2014: 50) refere que, apesar de certas expressões apresentarem um sentido não literal, essa característica não as torna expressões idiomáticas. Na verdade, e como vimos, para o linguista as expressões só são verdadeiramente idiomáticas se as suas partes não tiverem significados específicos e não puderem ser substituídas por sinónimos. Larson (2014) toma como exemplo a expressão idiomática *give somebody a piece of mind*, também aqui analisada, considerando não se

tratar verdadeiramente de uma expressão idiomática, mas antes de uma expressão composicional cujo significado é “frank and severe criticism; censure”. (2014: 52)

Como vimos, para Larson (2014), a maior parte das expressões idiomáticas com *give* ocorre na CDO, o que também se verifica com as expressões aqui apresentadas. Em relação à CDP, consideramos que é em expressões em que *give* faz uma unidade com o nome em adjacência verbal (*give rise, give birth, etc.*) que encontramos alguma idiomaticidade, visto que a separação dos dois por outro SN torna as expressões agramaticais (cf. (35)):

- (35) a. *Give credit to (someone).*
Sarah **gave credit** to Mary.
* Sarah **gave** Mary **credit**.
- b. *Give shape to (something)*
Sarah **give shape** to the draw.
* Sarah **give** the draw **shape**.

Com a nossa análise, verificámos ainda que transformar as expressões idiomáticas na CDO em CDP resultaria em exemplos agramaticais ou pouco aceitáveis (cf. (36)), tal como consideram Bruening (2010) e Larson (2014).

- (36)
- Give someone a black eye/ ?* give a black eye to someone;
 - Give someone their head/ ? * give their head to someone;
 - Give (one) something to think about/ ? * give something to think about to someone;
 - Give (one) the silent treatment/ ? * give the silent treatment to someone;
 - Give (oneself or someone) a pat on the back/ ? * give a path on the back to someone;

- Give (someone or something) the benefit of the doubt/ ? * give the benefit of the doubt to someone;
- Give somebody a piece of your mind/ ? * give a piece of your mind to somebody.

Através do exposto, confirma-se aquilo que tanto Bruening (2010) como Larson (2014) propuseram para o Inglês. Em relação à composição das expressões idiomáticas, verificámos que todas elas parecem ter na sua raiz apenas V NP_{OD}, sendo que o NP_{OI} (alvo/recipiente) não contribui, na maior parte dos casos, para o sentido da expressão.

Em síntese, mostrámos que, no Inglês, o que fornece a base para a expressão idiomática é a combinação V NP (tema/OD). Além disso, é na CDO que encontramos mais expressões idiomáticas, não sendo o NP (alvo/recipiente) abrangido pela idiomaticidade.

3.2. Padrões ditransitivos das expressões idiomáticas e provérbios no PE

Tal como vimos anteriormente, Costa (2009) defende que a ordem não marcada no PE é, nas expressões ditransitivas, a ordem V NP PP (cf. (37)). Assim, na resposta a (37) a ordem natural dos constituintes é V NP PP e não V PP NP.

(37) *O que é que aconteceu?*

a. O João deu uma prenda à Maria.

b. # O João deu à Maria uma prenda. (Costa, 2009: 95)

O mesmo se verifica com expressões idiomáticas como as de (38.a) (cf. Costa 2009; Brito 2014, 2015). Brito (2015) apresenta o exemplo “Dar uma lição a alguém”, que nos permite perceber que, em certos casos, tal como no Inglês, o V e o OD não podem ser separados, caso contrário a expressão perde a idiomaticidade e só pode ser interpretada no seu sentido literal (cf. (38)).

- (38) a. O António deu uma lição ao Pedro.
 b. ?? O António deu ao Pedro uma lição. (Brito, 2015: 103 e 104)

Brito (2015) partilha a opinião de Costa (2009), defendendo que as duas ordens de constituintes podem ocorrer nas expressões idiomáticas, ainda que a ordem preferencial seja, de facto, V NP PP. Para ambos, o principal fator que influencia a ordem em que os constituintes surgem é a complexidade/peso de cada um deles, uma vez que a ordem só é V PP NP quando o OD é o constituinte mais pesado (cf. (39.b) e (40)).

- (39) a. “[Dá] [Deus] [as nozes] [a quem não tem dentes].”
 V S OD OI

- b. “[Dar] [a Deus] [o que o Diabo não quis].”
 V OI OD

(Brito, 2015: 103)

- (40) [Dar] [a César] [o que é de César] (Costa, 2009: 105)
 V OI OD

3.2.1. Análise de expressões idiomáticas e provérbios no PE com o verbo *dar*

3.2.1.1. Algumas expressões idiomáticas no PE com o verbo *dar*

De forma a reforçar a ideia de que também nas expressões idiomáticas a ordem mais natural é V NP PP e com o intuito de verificar os fatores que podem influenciar a ordem, reunimos uma amostra de várias expressões idiomáticas e de provérbios com o verbo *dar* com o objetivo de verificar: (i) quais os padrões de ordem de palavras; (ii) se o fator de complexidade dos constituintes/peso influencia ou não os padrões de ordem encontrados; (iii) se as expressões idiomáticas são geradas por combinações V NP, V NP PP ou V PP; (iv) se há verdadeiramente construções ditransitivas idiomáticas.

- (41) [Dar] [uma mãozinha] [(a alguém)]
V NP (PP)
[\[http://cvc.institutocamoes.pt/exercicios/index1.html?ml=1\]](http://cvc.institutocamoes.pt/exercicios/index1.html?ml=1)
- (42) [Dar] [asas] [à imaginação] (Almeida, 2018: 47)
V NP PP
- (43) [Dar] [corda] [aos sapatos] (Almeida, 2018: 48)
V NP PP
- (44) [Dar] [a mão] [à palmatória] (Almeida, 2018: 49)
V NP PP
- (45) [Dar] [o corpo] [ao manifesto]. (Almeida, 2018:50)
V NP PP
- (46) [Dar] [o couro] [às vacas] (Almeida, 2018: 51)
V NP PP
- (47) [Dar] [o ouro] [ao bandido] (Almeida, 2018: 52)
V NP PP
- (48) [Dar] [a volta] [ao miolo] (Almeida, 2018: 53)
V NP PP
- (49) [Dar] [a volta] [ao bilhar grande]
V NP PP
[\[http://www.temdias.com/lista-de-expressoes-idiomaticas-de-origem-portuguesa/\]](http://www.temdias.com/lista-de-expressoes-idiomaticas-de-origem-portuguesa/)

(50) [Dar] [ao demo] [a cardada] (Almeida, 2018: 47)
V PP NP

Tal como se pode verificar nas expressões idiomáticas acima apresentadas, a ordem de constituintes mais frequente é a ordem não marcada V NP PP. No que se refere ao fator do peso, verificamos que neste grupo este não influencia consideravelmente a ordem dos constituintes, uma vez que são de complexidade sintática semelhante. Além disso, vemos que a inversão de ordem em alguns exemplos torná-los-ia agramaticais como **dar à palmatória a mão*, **dar ao manifesto o corpo*, **dar ao estômago volta*, assim como seria impossível conservar a idiomaticidade com a substituição por pronomes, quer do PP por *lhe* (cf. *dar-lhe a mão*, *dar-lhe o corpo*, *dar-lhe (a) volta*) quer do NP por *-a* (cf. *dá-la à palmatória*).

Isto pode sugerir que:

- (i) há uma ligação estreita entre V e NP;
- (ii) que na maior parte delas não há verdadeiramente V OD OI, pois seria impossível substituir o NP por *-a/-o* e o PP por *lhe*.

Apesar de a ordem V NP PP ser mais frequente, importa-nos verificar nas expressões idiomáticas analisadas se a idiomaticidade é gerada pela combinação V NP PP ou apenas por V NP.

Retomando o exemplo *dar uma mãozinha a (alguém)*, consideramos que a expressão idiomática parece ser apenas *dar uma mãozinha* (V NP), porque o OI *a alguém* é facilmente substituível por outra entidade como *à Laura* (*dar uma mãozinha à Laura*). Contudo, há muitas expressões idiomáticas que nos parecem ser geradas pela combinação V NP PP, uma vez que a substituição do OI por outro constituinte semelhante altera o sentido da expressão idiomática e que outra vezes essa substituição não é sequer possível como alguns exemplos (cf. (51)). Ainda que algumas expressões possam parecer não idiomáticas na sua origem como *dar a mão à palmatória* ou *dar o ouro ao bandido*, o seu uso metafórico recorrente fez com que se integrem na lista de expressões idiomáticas portuguesas.

(51)

- dar asas à imaginação / # dar asas aos sonhos;
- dar corda aos sapatos / * dar corda à mala;
- dar o corpo ao manifesto / * dar o corpo ao trabalho;
- dar o couro às vacas / # dar o couro às gatas;
- dar o ouro ao bandido / # dar o ouro ao pai.
- dar a volta ao miolo / # dar a volta ao carro.
- dar a volta ao bilhar grande / # dar a volta ao jardim.
- dar ao demo a cardada / * dar à Luísa a cardada;

A partir das observações anteriores, podemos concluir que: (i) as expressões idiomáticas não são todas do mesmo tipo, visto que umas são não composicionais e outras apresentam alguma composicionalidade (por vezes, já perdida na memória dos falantes), apesar de apresentarem um sentido metafórico, não literal (por exemplo, *dar a mão à palmatória*); (ii) a maior parte das expressões apresentadas é gerada pela combinação V NP PP e não apenas por V NP; e noutras expressões há uma relação de maior proximidade entre V NP, o que faz com que seja mais difícil separar o NP do V em expressões do tipo *dar uma mãozinha (a alguém)* ou *dar uma lição (a alguém)*.

Importa salientar que o verbo *dar* tem, em Português, muitos valores e usos. Choupina e Brito (2018) referem que o verbo *dar* apresenta diferentes valores, entre eles o de verbo leve. Geralmente, uma das propriedades destes verbos é “a sua substituição pelo verbo a partir do qual é formado o nome deverbal” (Choupina e Brito, 2018: 4). As autoras estabelecem uma comparação entre o estatuto do verbo *dar* como um ditransitivo de três argumentos e o verbo leve *dar*, concluindo que este mantém a estrutura argumental.

No seu artigo, apresentam uma lista das diversas combinações de *dar* como verbo leve, o que nos levou a verificar se este poderia integrar expressões idiomáticas. Após a nossa análise, concluímos que não se verifica a presença de verbos leves nos exemplos acima apresentados. Na expressão *dar uma volta*, por exemplo, embora haja um nome

deverbal de movimento, verificamos que o teste da substituição não é possível (*dar uma volta* ≠ *voltar*).

Assim, no decorrer deste trabalho, constatamos que o verbo *dar* pode ter várias combinações e apresentar-se como um verbo ditransitivo; como verbo considerado leve mas que conserva a sua grelha argumental, como em *dar um abraço a alguém*; como verbo “mais leve” como em *dar um empurrão* (= *empurrar*); e como um verbo ainda mais esvaziado como em *dar uma volta*. Veja-se o contraste em (52).

(52) O João deu uma volta ao bilhar grande¹⁹ ≠ O João deu-lhe uma volta.

Como vimos com a nossa análise, o verbo *dar* não apresenta, geralmente, o seu valor de transferência de posse (como em *dar um livro*), daí que possamos considerar a possibilidade de existência de uma certa gradação, em que *dar* vai perdendo algumas das suas propriedades.

3.2.1.2. Alguns provérbios no PE com o verbo *dar*

Após a análise das expressões idiomáticas, analisaremos agora alguns provérbios com o verbo *dar*. Os provérbios são caracterizados como máximas morais, com um certo ritmo e com um objetivo de transmitir ensinamentos para quem as lê ou conta. São altamente marcados pela cultura de um povo, pelas conceções religiosas e pelos hábitos. Tal como as expressões idiomáticas, também o sentido dos provérbios não pode ser entendido literalmente. Sobre isto, Lopes (1992: 9) refere: “na esteira do legado greco-latino, os provérbios têm sido definidos tradicionalmente como sentenças lapidares e concisas que o uso popularizou e consagrou”, acrescentando posteriormente no seu artigo que “os provérbios são textos pertencentes à esfera da literatura tradicional de transmissão oral. Circulam de geração em geração, permanentemente disponíveis em circunstâncias de tempo e de espaço muito variáveis.” (Lopes, 1995: 77) Atente-se nos seguintes exemplos²⁰:

¹⁹Note-se que *dar uma volta ao bilhar* pode ter um sentido não idiomático.

²⁰Não analisaremos o tempo verbal usado nos provérbios.

(53) [Dá] [Deus] [espeto] [a quem não tem focinho]. (Machado,1998: 161)

V S NP PP

(54) [Dá] [Deus] [nozes] [a quem não tem dentes]. (*ibidem*)

V S NP PP

(55) [Dá] [honra] [a quem a tem]. (Machado,1998: 162)

V NP PP

(56) [Dá] [nosso senhor] [campos] [a quem não aproveita os toucinhos].

V S NP PP

(Machado,1998: 163)

(57) [Dai] [a cada um] [o que é seu]. (*ibidem*)

V PP NP

(58) [Dar] [a Deus] [o que o Diabo não quis]. (Machado,1998: 164)

V PP NP

(59) [Dá] [a teu filho] [bom nome e bom ofício]. (Machado,1998: 161)

V PP NP

Tal como se verificou com as expressões idiomáticas, a ordem predominante é V NP (tema) PP (recipiente/alvo). Quanto ao fator de peso/complexidade dos constituintes, contrariamente ao constatado com as expressões idiomáticas analisadas na nossa dissertação, é nos provérbios que esse fator parece influenciar mais a ordem de palavras.

Prova disso são os exemplos (53), (54) e (56), nos quais o constituinte mais pesado OI surge no final da frase e, por oposição, (58) e (59), em que o constituinte mais pesado OD é colocado no final da frase. Assim, é de salientar que nos provérbios, tal como defendido por Costa (2009) e Brito (2015) para as expressões idiomáticas, em todos os exemplos apresentados a ordem só é V PP NP quando o OD é o constituinte mais complexo, logo mais pesado.

Em relação aos elementos que constituem a expressão idiomática, no caso dos provérbios não nos parece exequível, de uma maneira geral, substituir o OI por nenhum constituinte equivalente, dado que tal substituição resultaria em exemplos com sentido diferente do dos provérbios (cf. (60)).

(60)

- # dar à Sofia bom nome e bom ofício;
- # dá Deus espeto ao Pedro;
- # dá Deus nozes à Catarina;
- # dá honra ao António;
- # dá nosso senhor campos ao João;
- # dar à Rita o que o Diabo não quis.

Quer dizer, em PE, nos provérbios com o verbo *dar* a expressão do sentido não literal advém sobretudo da combinação V NP (tema) PP (recipiente/alvo). Além disso, vimos que a ordem preferencial é V NP PP, mas que a ordem V PP NP pode ser encontrada sempre que o OD tem uma estrutura interna que o torna um constituinte pesado, e, como tal, muito provavelmente movido para a posição final da frase.

3.3. Sumário

Neste capítulo sobre as expressões idiomáticas com o verbo *to give* no Inglês e *dar* no PE preocupámo-nos em caracterizar este tipo de expressões de acordo com Bruening (2010) e Larson (2014), para o Inglês, e de Costa (2009) e Brito (2015) para o

PE. Após essa contextualização, tivemos como objetivo a análise das expressões idiomáticas ditransitivas, visando perceber, no caso do Inglês, qual a ordem de constituintes predominante com o verbo *to give*; no caso do PE, quais os padrões de ordem de palavras; se as alterações da ordem são justificadas por fatores de peso/caráter complexo dos constituintes (OD ou OI); se as expressões idiomáticas são geradas por combinações V NP, V NP PP ou V PP; se há verdadeiramente construções ditransitivas idiomáticas.

Com a nossa análise do Inglês, vimos que a CDO domina as expressões idiomáticas apresentadas, mas que é apenas a combinação V NP (tema) que é idiomática pois o NP (recipiente/alvo) não é abrangido pela idiomaticidade e pode até ser substituído por um OI com sentido equivalente. Além disso, observámos também que as expressões idiomáticas na CDO, quando transformadas em CDP, resultariam agramaticais ou pouco aceitáveis. A análise das expressões idiomáticas em Inglês reforça a ideia de que esta língua possui alternância dativa.

No PE vimos que as expressões idiomáticas não são todas do mesmo tipo, visto que umas são não composicionais e outras apresentam algum grau de composicionalidade; que a maior parte das expressões apresentadas é gerada pela combinação V NP PP e que noutras há uma relação de maior proximidade entre V NP, o que faz com que seja difícil separar o NP do V. Vimos ainda que, no que se refere ao fator da complexidade/peso dos constituintes, nas expressões analisadas esta não influencia consideravelmente a ordem dos constituintes, uma vez que, em geral, os constituintes são de complexidade semelhante. No caso dos provérbios, constatámos que, em todos os exemplos apresentados, a ordem é V PP NP quando o OD é o constituinte mais complexo/pesado e que tal natureza influencia a ordem. Além disso, reparámos que, em relação aos elementos que constituem a expressão idiomática, no caso dos provérbios não nos parece exequível, de uma maneira geral, substituir o OI por nenhum constituinte equivalente, dado que tal substituição resultaria em exemplos com sentido diferente.

Apesar do processo de lexicalização e da perda do valor de transferência de posse,

na maior parte dos casos, e de uma gradação de valores do verbo *dar*, de que procurámos dar conta ao longo do capítulo, alguns usos mostram que este verbo é um verbo que selecciona dois argumentos internos, embora o grau de lexicalização que apresenta ponha em causa estarmos perante construções ditransitivas canónicas.

Considerações finais

O objetivo geral deste trabalho foi o estudo de alguns aspetos sintáticos e semânticos das construções ditransitivas no PE, no Inglês e noutras línguas. Para este estudo foram várias as questões que nos orientaram:

- (i) Que tipos de dativos podemos encontrar no PE e no Espanhol?
- (ii) Quais as classes de verbos que selecionam dativo argumental no PE e no Espanhol?
- (iii) Poderá existir alternância dativa, no Inglês, com diferentes classes de verbos?
- (iv) Quais os padrões de ordem de palavras no Inglês e no PE nas expressões idiomáticas? Será que o fator de complexidade da estrutura interna dos argumentos internos dos verbos e, conseqüentemente, o peso dos constituintes contribuiu para a alteração dessa ordem?
- (v) Qual a natureza da seleção (sintática e semântica) que está na base das expressões idiomáticas com o verbo *to give* no Inglês e nas expressões idiomáticas/provérbios no Português com o verbo *dar*? Quais os padrões de seleção que são privilegiados V NP PP, V NP ou V PP?

De forma a responder a estas questões, foi desenvolvido um trabalho sustentado por três capítulos e baseado em alguma da bibliografia existente sobre estes assuntos no PE, no Espanhol e no Inglês.

No primeiro capítulo, apresentámos algumas propriedades sintáticas e semânticas do OI no PE e no Espanhol, abordámos questões relacionadas com a ditransitividade de alguns verbos nas duas línguas, bem como comparámos e classificámos os diferentes tipos de dativos existentes, com base nas classificações de Vilela (1992), Brito (2009) e Gonçalves e Raposo (2013) para o PE e em Campos (1999) e Ordóñez (1999) para o Espanhol. Como nos foi dado a perceber, a noção de ditransitividade é uma noção complexa e só se deve aplicar a verbos que selecionam dois argumentos internos e em

que o dativo é argumental. Com isto, certos verbos, geralmente considerados ditransitivos, não o são, uma vez que o dativo que com eles coocorre é não argumental.

No segundo capítulo, partindo da classificação dos verbos realizada no primeiro capítulo, analisámos as construções ditransitivas no Inglês e no PE, centrando-nos no fenómeno linguístico da alternância dativa. Nesse sentido, vimos algumas das abordagens existentes na literatura e, por uma questão de limite de espaço, seleccionámos para o Inglês: Oehrle (1976), Larson (1988) e Rappaport-Hovav & Levin (2008); e para o PE: Morais (2006), Costa (2009), Morais e Salles (2010) e Brito (2014, 2015).

Por último, no terceiro capítulo, direccionámos o nosso estudo das construções ditransitivas para a análise de expressões idiomáticas (e também de provérbios, no caso do PE) com verbos ditransitivos, com o verbo *dar* no PE e com o verbo *to give* no Inglês. Para isso, partimos de Bruening (2010) e de Larson (2014) para a análise do Inglês e de Costa (2009) e Brito (2014, 2015) para o PE. Com a nossa análise, tentámos perceber, no caso do Inglês, qual a construção mais usual nas expressões idiomáticas (CDP ou CDO) e, no que se refere ao PE, quais os padrões de ordem de palavras; se o fator da complexidade/peso contribui para a alteração da ordem e quais as combinações que estão na génese da expressão idiomática.

Por conseguinte, e tendo em consideração o trabalho até aqui realizado, pensamos poder, ainda que de forma sintetizada, responder às questões orientadoras apresentadas no início deste ponto.

(i) Que tipos de dativos podemos encontrar no PE e no Espanhol?

Como vimos, são vários os tipos de dativo que podemos encontrar quer no PE, quer no Espanhol. Nas duas línguas, a possibilidade de o OI estar relacionado com vários papéis temáticos (meta, recipiente, beneficiário, malefativo, origem) fez reforçar a ideia de que nem todos os dativos são do mesmo tipo. Assim, pudemos concluir que os dativos podem ser argumentais e não argumentais: (i) os dativos são argumentais quando fazem parte da estrutura argumental dos verbos, o que é reforçado pela gramaticalidade de certas construções perante certos testes de argumentalidade e (ii) os dativos são não argumentais quando não são seleccionados pelo verbo e não têm participação direta na situação descrita pelo verbo. Aceitámos a posposta de Vilela

(1992) de considerar como dativos não argumentais os dativos de posse; os *dativus commodi/ incommodi* e os *dativus ethicus*. Gonçalves e Raposo (2013) também consideram como dativos não argumentais os dativos de posse e os dativos éticos.

Igualmente, em relação ao Espanhol, os dativos não argumentais podem ser os dativos de *interés*, subdivididos em três outros tipos (*simpatéticos o posesivos*; de *dirección*; e *comodi/ incommodi*), e os dativos éticos.

(ii) Quais as classes de verbos que selecionam dativo argumental no PE e no Espanhol?

Vimos que, no caso do PE, os verbos que selecionam dativo argumental são, segundo a classificação de Vilela (1992), os verbos de dois lugares (relacionados com a *dominação* e com *impressões*); de três lugares (os verbos do tipo *Dandi/ Dicendi*); e os verbos de CD + CI, diferentes de *Dicendi/ Dandi*. De acordo com a designação de Gonçalves e Raposo (2013), são os verbos de transferência (física ou abstrata); os verbos que denotam um pedido ou sugestão; e alguns ditos intransitivos (não selecionam OD, mas apenas OI). Já sobre os verbos que podem surgir acompanhados de dativo não argumental, verificamos que, para Vilela (1992), são, entre outros, verbos como *doer*, *tremar*, *comer*, *conhecer*, etc. e que, segundo Brito (2009), são, entre outros, verbos do tipo *colocar*, *pôr*, *construir*, *preparar*, etc.

No que se refere ao Espanhol, vimos que os verbos ditransitivos que selecionam dativo argumental são os verbos de três argumentos (relacionados com transferência e movimento); e que os que podem ser acompanhados de dativo não argumental são os verbos relacionados com a criação, destruição e preparação.

(iii) Poderá existir alternância dativa, no Inglês, com diferentes classes de verbos?

Vimos, no segundo capítulo, que há verbos que apresentam duas realizações dos mesmos argumentos, isto é, que podem ocorrer nas duas construções (CDO e CDP) e verbos que apenas podem ocorrer numa delas. Oehrle (1976), mostra que nem sempre se reúnem as condições necessárias para que um verbo possa surgir nos dois tipos de

construções, independentemente de terem um sentido idêntico, uma vez que verbos como *obtain* e *procure* podem ocorrer na CDP, mas não na CDO.

Larson (1988) mostra que existem algumas restrições lexicais no Inglês para a alternância dativa, uma vez que verbos como *donate* e *distribute* podem surgir na CDP, mas não na CDO e que verbos do tipo *deny* e *spare* podem ocorrer na CDO, mas não na CDP. Sem dúvida, o objetivo mais importante de Larson (1988) com este tema é mostrar que, com a maioria dos verbos, há sinonímia entre as duas construções da alternância dativa e, por esse motivo, o autor desenvolve um tratamento derivacional.

Rappaport-Hovav & Levin (2008), por outro lado, consideram que existem duas classes de verbos distintas: *core dative verbs* e *non-core dative verbs*. Os *core dative verbs* estão relacionados com o significado de posse (“caused possession”) e os *non-core dative verbs* com um significado de transferência de posse, mas também de movimento. Verificamos que tanto os verbos do tipo *give* (*core dative verbs*) como os verbos do tipo *send* e do tipo *throw* (*non-core dative verbs*) permitem a alternância dativa em determinadas construções e não permitem noutras.

Podemos, então, concluir que a alternância dativa, no Inglês, ocorre com determinadas classes de verbos, e que a dimensão lexical é importante para a compreensão deste fenómeno. Crucial é também o tipo de argumento dativo que com ele ocorre, pois verbos do tipo *give* permitem alternância dativa com OIs animados, mas não a permitem, por exemplo, com não animados.

(iv) Quais os padrões de ordem de palavras no Inglês e no PE nas expressões idiomáticas? Será que o fator de complexidade da estrutura interna dos argumentos internos dos verbos e, conseqüentemente, o peso dos constituintes contribuiu para a alteração dessa ordem?

Relativamente ao Inglês, constatámos que, nos exemplos apresentados, a ordem de palavras é, maioritariamente, V NP_{OI} NP_{OD}, na CDO. Além disso, vimos que as expressões idiomáticas na CDO, quando transformadas em CDP resultariam em exemplos agramaticais ou pouco aceitáveis.

Com a análise das expressões idiomáticas no PE, concluímos que a ordem de constituintes que é mais frequente nos dados analisados é a ordem não marcada V NP

PP. No que se refere ao fator da complexidade/peso, verificámos que, no grupo de expressões selecionadas, tal fator não influencia consideravelmente a ordem dos constituintes, uma vez que são de dimensão semelhante. Por oposição, vimos que com os provérbios a complexidade/peso dos constituintes parece influenciar a sua ordem, o que é comprovado por exemplos em que a ordem é V PP NP, quando o OD é o constituinte mais pesado.

(v) Qual a natureza da seleção (sintática e semântica) que está na base das expressões idiomáticas com o verbo *to give* no Inglês e nas expressões idiomáticas/provérbios no Português com o verbo *dar*? Quais os padrões de seleção que são privilegiados V NP PP, V NP ou V PP?

No Inglês, de acordo com a nossa análise, as expressões idiomáticas ocorrem, maioritariamente, na CDO e a expressão idiomática é gerada pela combinação V NP (tema), uma vez que o NP (recipiente/alvo) pode ser facilmente substituído por outro NP (recipiente/alvo), não sendo abrangido pela idiomaticidade.

Por seu turno, no PE, mostrámos que na maior parte das expressões apresentadas a expressão idiomática é gerada pela combinação por V NP PP; contudo, em algumas expressões há uma relação de maior proximidade entre V NP, o que faz com que seja difícil separar o NP do V em expressões do tipo *dar uma mãozinha (a alguém)* ou *dar uma lição (a alguém)*. Concluindo, a expressão da idiomaticidade advém, de uma forma geral, da combinação V NP (tema) PP (alvo/recipiente); porém, pode também, em certos casos, advir da combinação V NP (tema).

Apesar do processo de lexicalização e da perda do valor de transferência de posse na maior parte dos casos e de uma gradação de valores do verbo *dar*, de que procurámos dar conta ao longo do capítulo, alguns usos mostram que o verbo *dar* é um verbo que seleciona dois argumentos internos, embora o grau de lexicalização que apresenta ponha em causa estarmos perante construções ditransitivas canónicas.

Este trabalho permitiu-nos responder a todas as questões apresentadas; no entanto, dado que as expressões idiomáticas analisadas constituem apenas uma amostra, julgamos que as conclusões devem ser aprofundadas em trabalhos futuros. Apesar disso, pensamos que este trabalho se apresenta como um contributo para o estudo de alguns aspetos sintáticos e semânticos das construções ditransitivas no PE e no Inglês: a alternância dativa no Inglês; os padrões de ordem nas expressões idiomáticas ditransitivas, nas duas línguas; e as combinações que permitem construir expressões idiomáticas no Inglês e expressões idiomáticas/provérbios no PE.

Referências bibliográficas

Almeida, J. J. (2018). *Dicionário aberto de calão e expressões idiomáticas*. Universidade do Minho. Disponível na internet em <http://natura.di.uminho.pt/~jj/pln/calao/dicionario.pdf> Acedido a: 13/08/2018

Amritavalli, R. (1980). *Aspects of the organization of redundancy rules in the lexicon*. Ph.D, Simon Fraser University. Disponível na internet em https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=2ahUKEwifzNbw8MHdAhWFjKQKHxZiCSAQFjABegQICRAC&url=http%3A%2F%2Fsummit.sfu.ca%2Fsystem%2Ffiles%2Fitems1%2F3958%2Fb1251830x.pdf&usg=AOvVaw0ksUOaBH7qA_Sv46BjSgVL. Acedido a: 17/05/2018

Araújo, K. (2009). *Alternância do dativo em Inglês: evolução das análises e a relação entre léxico e sintaxe*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível na internet em <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/17664?show=full> Acedido a: 22/02/2018

Baker, M. (1985). The mirror principle and morphosyntactic explanation. *Linguistic Inquiry*, 16 (3), 373-415. Disponível na internet em <https://linguistics.ucla.edu/people/hayes/205/Readings/Baker1985MirrorPrinciple.pdf> Acedido a: 17/05/2018

Brito, A. M. (2009). Construções de objecto indirecto preposicionais e não preposicionais: uma abordagem generativo-constructivista. In Fiéis, A. & Coutinho, A. (eds.) *Textos Seleccionados do XXIV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Colibri. 141-159. Disponível na internet em <https://apl.pt/wp-content/uploads/2017/09/9-Brito.pdf> Acedido a: 01/11/2017

Brito, A. M. (2010). Do European Portuguese and Spanish have the double object construction? *EGG5. V Encuentro de Gramática Generativa* (pp. 81-114). Neuquén: EDUCO, Editorial Universitaria del Comahue.

Brito, A. M. (2014). As construções ditransitivas revisitadas: alternância dativa em Português Europeu?, In A. Moreno, F. Silva, I. Falé, I. Pereira, & J. Veloso, *Textos seleccionados do XXIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp.

103-119). Porto: APL. Disponível na internet em https://apl.pt/wpcontent/uploads/2017/09/13_BRITO.pdf Acedido a: 15/06/2018

Brito, A. M. (2015). Two base generated structures for ditransitives in European Portuguese. *Oslo Studies in Language* 7(1), 2015. 337–357. Disponível na internet em <https://www.journals.uio.no/index.php/osla/article/viewFile/1448/1345> Acedido a: 01/11/2017

Brito, A. M e Choupina, C. (2018). *Dar um beijo é a mesma coisa que dar um espirro?* Para uma análise sintático-semântica de diferentes valores do verbo leve *dar* em Português europeu. In Veloso, J., Guimarães, J., Silvano, P. & Sousa-Silva, R. (eds.) *A Linguística em Diálogo. Volume Comemorativo dos 40 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto*. Porto: CLUP, pp.153-176.

Bruening, B. (2010). Ditransitive Assymetries and a Theory of Idiom Formation. In *Linguistic Inquiry*, Vol. 41, Number 4, Fall.

Bruening, B. (2014). Double Object Constructions and Prepositional Dative Constructions are Distinct: A Reply to Ormazabal and Romero, Benjamin Bruening. University of Delaware. Disponível na internet em <https://udel.edu/~bruening/Downloads/RDativeRevisited3.pdf> Acedido a: 20/07/2018

Bruening, B. (2015). Idioms, Anaphora and Movement Diagnostics, Benjamin Bruening, University of Delaware. Disponível na internet em <https://udel.edu/~bruening/Downloads/IdiomsMovement2.pdf> Acedido a: 20/07/2018

Campos, H. (1999). Transitividad y intransitividad. In Bosque, I. & Demonte, V. (eds.) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa, vol. II, 1519-1574.

Costa, J. (2009). A focus-binding conspiracy: Left-right-merge, scrambling and binary structure in European Portuguese. Disponível na internet em <https://books.google.pt/books?id=aD6qKQJ-2FMC&pg=PA87&lpg=PA87&dq=A+focusbinding+conspiracy:+Left-right-merge,+scrambling+and+binary+structure+in+European+Portuguese.&source=bl&ots=dd8mZN5jpf&sig=glRb3i6ZB-8hQDbRPWVLhrA5YrY&hl=pt->

[PT&sa=X&ved=2ahUKEwiCvfSPIMLdAhXNyYUKHVnLBAIQ6AEwAHoECAAQAQ#v=onepage&q=A%20focus-binding%20conspiracy%3A%20Left-rightmerge%2C%20scrambling%20and%20binary%20structure%20in%20European%20Portuguese.&f=false](#) Acedido a: 01/11/2017

Cunha, C. e Cintra, L. F. (1984) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Ed. João Sá da Costa, Lisboa, cap. 3.

Gonçalves, A. & Raposo, E. (2013) Verbo e sintagma verbal, in Raposo, E.P., Nascimento, M. F. B., Mota, M. A., Segura, L. & Mendes, A. (Eds.), *Gramática de Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Vol. II, pp. 1156-1183.

Gonçalves, R. (2016) *Construções ditransitivas no Português de São Tomé*, Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Disponível na internet em <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/26409?locale=en>
Acedido a: 14/09/2017

Harley H. & Miyagawa S. (2016) Syntax of Ditransitives in *Oxford Research Encyclopedia of Linguistics*, pp.1-26. Disponível na internet em

https://static1.squarespace.com/static/5728dfa81bbee0da7943b811/t/579efc00d1758eb537b4ae55/1470036993402/MR%2BHarley%2BMiyagawa_Syntax%2Bof%2BDitransitives.pdf Acedido a: 10/05/2018

Jackendoff, R. (1972). *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. The MIT Press, Cambridge, Massachusetts, and London, England.

Larson, R. (1988). On the double object construction. In *Linguistic Inquiry* 19, pp.335-391.

Larson, R. (2014). *On shell structure*. New York/London: Routledge.

Levin, B. (2008). *Dative Verbs and Dative Alternations from a Crosslinguistic Perspective*. Harvard University. Disponível na internet em <https://web.stanford.edu/~bclevin/pal08.pdf> Acedido a: 14/09/2017

Lopes, A. (1992). *Texto Proverbial Português: Elementos para uma análise semântica e pragmática*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Coimbra.

Disponível na internet em <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/719> Acedido a: 28/08/2018

Lopes, A. (1995). Da ambivalência do texto proverbial. In *Discursos 10*, pp. 77-94. Disponível na internet em <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/4012/1/Ana%20Cristina%20Macário%20Lopes.pdf> Acedido a: 28/08/2018

Machado, J. P. (1998) *O Grande Livro dos Provérbios*, Lisboa, Editorial Notícias, 2ª ed.

Mateus, M. H. *et al.* (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho, 5ª ed.

Morais, A. T. (2006) Argumentos dativos: um cenário para o núcleo aplicativo no Português Europeu, *Revista da Abralín*, 5. (1, 2), pp. 239-266, disponível na internet em http://www.abralin.org/revista/RV5N1_2/RV5N1_2art11.pdf Acedido a: 12/11/2017

Morais M. e Salles H. (2010). Parametric change in the grammatical encoding of indirect objects in Brazilian Portuguese. In *Probus 22* (2010), 181–209.

Nascimento, S. (1999). Nota sobre a inacusatividade e especificidade. In *Working Papers em Linguística*, UFSC, n. 3, 1999. Disponível na internet em <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwj-tOj6xcXdaAhVO5IUKHRK8AKYQFjABegQICBAC&url=https%3A%2F%2Fperiodicos.ufsc.br%2Findex.php%2Fworkingpapers%2Farticle%2Fdownload%2F2314%2F2000&usq=AOvVaw3WUJQIBFTY68b6XPwXawLF> Acedido a: 12/09/2018

Oehrle, R. (1976). *The grammatical status of the English Dative Alternation*. Ph.D. Diss., MIT. Disponível na internet em <http://www.ai.mit.edu/projects/dm/theses/oehrle76.pdf> Acedido a:10/09/2017

Ordóñez, S. G. (1999). Los dativos. In Bosque, I. & Demonte, V. (eds.) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa. Vol. II. 1855-1930.

Ormazabal, J. & Romero, J. (2010). The derivation of dative alternations. In Duguine, M., Huidobro, S. & Madariaga, N. (eds.) *Argument Structure and Syntactic Relations: A cross-linguistic perspective*, John Benjamins Publishing Company, pp. 203232.

Rappaport-Hovav, M. & Levin, B. (2008) *The English dative alternation: The case for verb sensitivity*, Cambridge University Press. Disponível na internet em <https://web.stanford.edu/~bclevin/mrhbl08dat.pdf> Acedido a: 14/09/2017

Silva, A. S. (1999). A estrutura semântica do objecto indirecto em português. In Castro, R.V. & Barbosa, P. (2000), *Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, APL, Braga, Vol. I, pp. 433- 451. Disponível na internet em <https://apl.pt/wp-content/uploads/2017/12/1999-29-1.pdf> Acedido a: 14/07/2018

Thomas, V. (2012). *Double Object Constructions and 'bill' verbs in English*. Trinity Term 2012. Disponível na internet em https://ora.ox.ac.uk/objects/uuid:3a7cff7-f8ba4847-9002-71b3c228b955/download_file?file_format=application/pdf&safe_filename=Thesis&type_of_work=Thesis Acedido a: 14/05/2018

Verspoor, C. (1994). *Double Object Constructions*. University of Melbourne. Disponível na internet em <https://pdfs.semanticscholar.org/06dc/c4de6e4bbadb72721a3b31d67f164c49719a.pdf> Acedido a: 05/06/2018

Vilela, M. (1992). *Gramática de Valências: Teoria e aplicação*. Livraria Almedina, Coimbra.

Vilela, M. (2002). *As expressões idiomáticas na língua e no discurso*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Disponível na internet em <https://repositorioaberto.up.pt/handle/10216/18051> Acedido a: 13/08/2018